



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

Rita de Lúcia Gomes de Souza

**O TOM EMOTIVO-VOLITIVO NOS DISCURSOS DE AÉCIO NEVES SOBRE A
MAIORIDADE PENAL NAS ELEIÇÕES DE 2014**

João Pessoa

2018

Rita de Lúcia Gomes de Souza

**O TOM EMOTIVO-VOLITIVO NOS DISCURSOS DE AÉCIO NEVES SOBRE A
MAIORIDADE PENAL NAS ELEIÇÕES DE 2014**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística (PROLING), da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Linguística.

Área de concentração: Discurso e Práticas Sociais.

Orientador(a): Prof^ª. Dr^ª. Maria de Fátima Almeida

João Pessoa

2018

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

S729t Souza, Rita de Lucia Gomes de.

O tom emotivo-volitivo nos discursos de Aécio Neves sobre a maioria penal nas eleições de 2014 / Rita de Lucia Gomes de Souza. - João Pessoa, 2018.
78 f. : il.

Orientação: Maria de Fátima Almeida.
Dissertação (Mestrado) - UFPB/CCHLA.

1. Análise do discurso. 2. Análise dialógica do discurso. 3. Tom emotivo-volitivo. 4. Discurso político. 5. Maioria penal. I. Almeida, Maria de Fátima. II. Título.

UFPB/BC

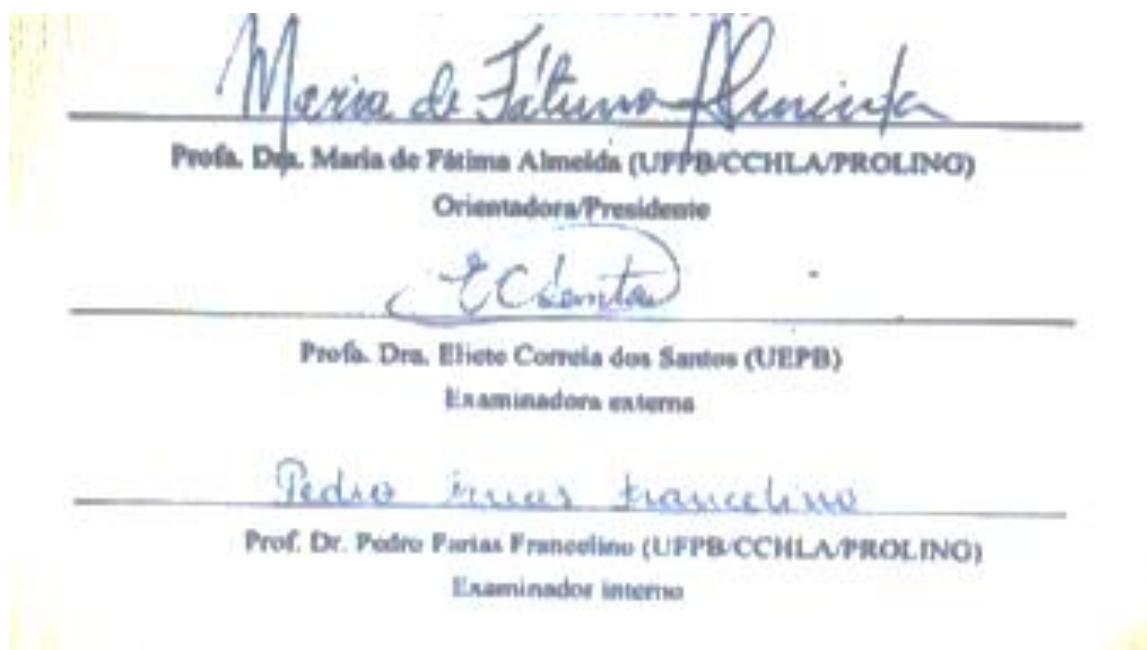
CDU 81'42(043)

Rita de Lúcia Gomes de Souza

**O TOM EMOTIVO-VOLITIVO NOS DISCURSOS DE AÉCIO NEVES SOBRE A
MAIORIDADE PENAL NAS ELEIÇÕES DE 2014**

Data de aprovação: 28 / setembro/ 2018

BANCA EXAMINADORA:



AGRADECIMENTOS

A Deus, em primeiro lugar;

Ao Programa de Pós-graduação em Linguística, PROLING, pela compreensão que tiveram comigo sempre que precisei;

À Banca dos Exames de Qualificação, Prof. Pedro Francelino e Profª Eliete Correia, pelas sugestões e pelo estímulo;

À Profª Maria de Fátima Almeida, orientadora, pelo acompanhamento no desenvolvimento da pesquisa;

Ao Querido José Antônio Dias Pelo Incentivo e Carinho, por ouvir com paciência as minhas lamentações e enxugar por tantas vezes as minhas lágrimas;

À Minha Amiga Irmã, Rosilene Felix Mamedes por sua amizade e pelo apoio e encorajamento;

À minha Família pelo apoio;

Enfim, a todos aqueles que direta ou indiretamente contribuíram para a realização deste sonho, meus sinceros agradecimentos.

RESUMO

A linguagem é uma prática social que envolve fatores externos ao sujeito que a utiliza, uma vez que este se configura como ser social. Compreendemos que todo enunciado é axiologicamente determinado em função das práticas sociais que o engendram. Este trabalho tem como objetivo analisar os discursos proferido pelo Senador Aécio Neves em dois contextos distintos: como candidato à Presidência da República (2014) e em atuação parlamentar no Senado Federal (2015), sobre da temática da Lei da Maioridade Penal. Como objetivos específicos buscamos identificar as vozes que valoram o discurso no contexto social em enunciados do gênero entrevista e do campo político; verificar as circunstâncias em que foi produzido cada enunciado considerando tempo e espaço; e, sobretudo, analisar os tons emotivo-volitivos do sujeito a respeito da Maioridade Penal, relacionando-os com o conteúdo da Proposta de Emenda nº 21/2013. Como base teórica a pesquisa norteou-se pela perspectiva da Análise Dialógica do Discurso (ADD) a partir da base bakhtiniana do discurso, no escopo dos estudos de Bakhtin (2006); Faraco (2009); Sobral (2006); Fiorin (2006); Brait (2008); Barros (2003), dentre outros teóricos que se debruçam a estudar a linguagem na perspectiva discursiva. A coleta do *corpus* ocorreu a partir da escolha pela esfera jornalística em que o presidenciável usava o discurso em situações distintas, para um público diferenciado, mas mantendo o lugar social de político como sujeito discursivo. Como resultados verificamos que a categoria do tom emotivo-volitivo, tanto no campo jornalístico e no político foi evidenciada de modo distinto, a partir de um querer dizer do enunciadador, o qual utiliza-se de estratégias. Constatamos também que o discurso de Aécio Neves foi permeado de valores pessoais, de cunho ideológico, que perpassaram a esfera apenas da necessidade da democracia de estabelecer Leis que favoreçam o cidadão. As análises revelaram a pretensão do sujeito colocar em destaque na sociedade valores arreigado de princípios partidários, de modo que possibilitasse a atenção pública e a manobra política para adesão da população na conquista do pleito eleitoral e a tentativa de aprovar a Lei da Maior Idade Penal.

Palavras-Chave: Análise Dialógica do Discurso. Tom emotivo- volitivo. Discurso político. Lei da Maioridade Penal.

ABSTRACT

Language is a social practice that involves factors external to the subject that uses it, once it is configured as a social being. We understand that every statement is axiologically determined according to the social practices that engender it. This paper aims to analyze the speech delivered by Senator Aécio Neves in two different contexts: as a candidate for the Presidency of the Republic (2014) and in parliamentary action in the Federal Senate (2015), on the subject of the Criminal Majority Law. As specific objectives we seek to identify the voices that value the discourse in the social context in statements of the interview genre and the political field; to verify the circumstances in which each statement was produced considering time and space; and, above all, to analyze the subjects' emotional-volitional tones regarding Penal Majority, relating them to the content of Proposal of Amendment No. 21/2013. As a theoretical basis the research was guided by the perspective of Dialogical Discourse Analysis (ADD) from the Bakhtinian basis of discourse, within the scope of Bakhtin's studies (2006); Faraco (2009); Sobral (2006); Fiorin (2006); Brait (2008); Barros (2003), among other theorists who study language in the discursive perspective. The collection of the corpus occurred from the choice of the journalistic sphere in which the presidential candidate used the discourse in different situations, for a differentiated public, but maintaining the social place of politician as a discursive subject. As a result, we find that the category of the emotive-volitional tone, both in the journalistic field and in the political field, was evidenced in a different way, from a meaning of the enunciator, which uses strategies. We also find that Aécio Neves' speech was permeated by personal values of an ideological nature, which went beyond the sphere of democracy's need to establish laws that favor citizens. The analyzes revealed the pretension of the subject to emphasize in society values rooted in partisan principles, so as to enable the public attention and the political maneuver to join the population in the conquest of the electoral process and the attempt to approve the Law of the Greater Penal Age.

Keywords: Dialogical Analysis of Speech. Emotive-volitional tone. Political speech. Law of Penal Majority.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Posição de Aécio Neves sobre Maioridade penal no Brasil	51
Figura 2: Proposta do Alckmin para redução da Maioridade penal (Entrevista: 02-07-2015)	53
Figura 3: Aécio Neves - Redução da maioridade penal	57
Figura 4: Entrevista a Uol- Folha.....	64
Figura 5: Transcrição da entrevista no programa Roda Viva	68

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	8
1.2. PERCURSO METODOLÓGICO	15
2. O TOM EMOTIVO-VOLITIVO DO DISCURSO: MARCAS DISCURSIVAS QUE VALORAM O TOM ENUNCIATIVO	17
2.1 O TOM EMOTIVO-VOLITIVO: SUJEITO DO DISCURSO X O SUJEITO POLÍTICO	29
3. ANÁLISE DO <i>CORPUS</i>: O DISCURSO DE AÉCIO NEVES SOBRE A MAIORIDADE PENAL	46
3.1 DISCURSO 1: PEC 21 - PROPOSTA DE EMENDA À CONSTITUIÇÃO Nº 21 , DE 2013	47
3.2 ANÁLISE DO DISCURSO EMOTIVO-VOLITIVO DE AÉCIO NEVES EM NOSSO RECORTE TEMPORAL (<i>CORPUS</i>)	51
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	72
REFERÊNCIAS.....	76

1. INTRODUÇÃO

Desde 2013 o Brasil vem enfrentando uma grave crise política e social que teve como plano de fundo a campanha eleitoral de 2014 e a reeleição por mais 4 (quatro) anos do governo do Partido dos trabalhadores (PT), com a continuidade do governo da ex-presidente Dilma Rousseff. Nesse contexto, vale destacar que os protestos liderados por partidos de centro-direita, como o PSDB (Partido da Social Democracia Brasileira) e o PMDB (Partido do Movimento Democrático Brasileiro) orquestrados no período visaram destituir a Presidente da República que havia sido denunciada por corrupção e pelo uso frequente de “pedaladas fiscais”.

Nesse ambiente conjuntural houve diversas reivindicações sociais, divididas em dois polos: de um lado, os pró-Dilma, candidata à reeleição pelo PT; do outro, os Pró-Aécio Neves, candidato pelo PSDB, além daqueles que levantavam a bandeira da ala direitista da política brasileira, que desejavam tirar a Presidente Dilma de cena para retomada do poder presidencial para os setores conservadores.

Assim, em um palco de intensos protestos e debates entre lideranças partidárias bem como a participação da população – ensejando um contexto político nacional de acentuada polarização – foi desenhado o cenário da eleição de 2014.

Em cena havia discursos exacerbados e arraigados de valores morais, afetivos, políticos, com argumentos e lugares sociais que denunciavam seus posicionamentos ideológicos. Dessa forma, de um lado estavam os discursos que buscavam convencer a população para continuidade do mandato da Presidente Dilma e, do outro, os opositores que apoiavam o candidato líder nas pesquisas e que chegou a disputar o segundo turno – o então Senador Aécio Neves – empunhando como uma das bandeiras principais da sua campanha a redução da Maioridade Penal, que prometia sanar o problema da violência social que assola o país há anos.

Em meio a intensos conflitos sócio-políticos e estruturantes cada candidato ornamentou o seu discurso de modo a atender à demanda da população para que, assim, se conseguisse condensar o maior número de adesão de eleitores.

Considerando o contexto até aqui explanado cabe assinalar que este trabalho partirá de um recorte do discurso do candidato Aécio Neves sobre a Maioridade Penal por entender que o então candidato apropriou-se de uma proposta “requentada”,

baseada na PEC Nº 21/2013, de autoria do Senador Álvaro Dias, que teve como proposta a redução da Maioridade Penal.

A extensão dos conflitos sociais e a importância – para a população – da solução para a grave problemática da violência social mostra que o nosso país está estatisticamente entre um dos mais violentos do mundo segundo a ONU (Organização das Nações Unidas)¹. Os dados da ONU em 2016 mostraram o Brasil como o país que tem o maior número de cidades entre as mais violentas do Mundo. Nessa relação o Brasil lidera o primeiro lugar, com 19 cidades entre as 50 mais violentas. Dados como estes colocam em cena uma triste realidade social que põe o país imerso na instabilidade da segurança pública, que está deixando os cidadãos reféns da criminalidade e que, ao mesmo tempo, serviu de espetáculo para o palco eleitoral, em 2014.

Como agravante para essa realidade deve ser acrescentado o fato de que os altos índices da violência têm, como principal aliado, o aumento da criminalidade e a legislação que, por sua vez tem aparição em diversas cenas enunciativas como sendo benevolente com os criminosos, em especial, com os de menores de 17 anos.

Considerando que o problema do país é de cunho estrutural – relacionado, por exemplo, à deficiente base educacional – porém, o então candidato ousou levantar, como bandeira de campanha, o debate sobre a Maioridade Penal, prometendo, caso eleito, que votaria a PEC 21 e alteraria a Constituição Federal – nossa Carta Magna – tornando a pena mais severa para os menores de 18 anos.

De um lado há os que concordam com o endurecimento das penas, pois a legislação penal é questionada por todas as esferas sociais do país. Neste âmbito, cabe assinalar que o menor de 18 anos é protegido pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (doravante ECA), que o resguarda como infrator, atenuando a pena, por ter idade inferior à maioridade. Do outro lado, há políticos que preferem alterar o ECA, adequando a legislação.

Já no caso do candidato Aécio Neves torna-se evidente que ele é a favor da aprovação da Lei da Maioridade Penal. É exatamente em meio a esse contexto de rivalidade política, que temos vários embates discursivos, dentre os quais podem ser assinalados quatro momentos que se destacam pelo seu teor enunciativo, e que

¹ Fonte: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/brasil-tem-19-cidades-em-ranking-de-ong-com-as-50-mais-violentas-do-mundo.ghtml> Acesso em: 13 de março de 2018.

podem ser analisados sob o viés da análise dialógica bakhtiniana, sobretudo, através do uso da categoria do tom EMOTIVO-VOLITIVO.

A motivação para esta análise se deu a partir de observações feitas dentro de uma perspectiva discursiva e dialógica dos pronunciamentos proferidos pelo então candidato à Presidência da República, Aécio Neves, acerca da Lei da Maioridade Penal em um discurso na tribuna do Senado, a partir de enunciados extraídos de duas entrevistas concedidas a dois canais de TV aberta (SBT e TV Cultura) do país e a um portal de notícias da *Internet* (UOL).

A opção pela escolha do tema parte dos diversos embates sobre a aprovação da Lei da Maioridade e da repercussão da temática em todos os segmentos da sociedade, principalmente no segmento político, posto em um cenário de ano de campanha eleitoral para Presidente da República. Para atingir os objetivos propostos foi realizada uma pesquisa interpretativa com tratamento qualitativo através de dados coletados a partir da ação discursiva do candidato Aécio Neves.

O referencial teórico e Metodológico pontua-se na linha sociohistórica, respaldada em Bakhtin (1895-1975), filósofo russo que dedicou seus estudos aos conceitos e categorias de estudo da linguagem humana com base em discursos cotidianos. Para Bakhtin o discurso compreende a manifestação concreta da linguagem, é atividade dinâmica (artística e filosófica).

A linguagem, conceitualmente entendida como a forma que permite ao homem expressar suas ideias, pensamentos e sentimentos, na visão de Bakhtin é um constante processo de interação mediada através do diálogo, onde os sujeitos culturalmente e socialmente constituídos se comunicam e, a partir dela, podem expor suas crenças, sua ideologia e produzir discursos. Nesta perspectiva, entende-se que a língua só existe em função do uso que locutores e interlocutores fazem dela em situações de uso, ou seja, através de situações efetivas de interação.

E é nessa relação dialógica entre locutor e interlocutor no universo social que a linguagem verbal e a linguagem não-verbal influenciam de forma direta e determinante na construção dos enunciados e dos seus possíveis sentidos e da responsividade recorrente a esta relação dialógica. Para análise e descrição dos enunciados e entrevistas do Senador Aécio Neves sobre o tema da Maioridade Penal será traçado um caminho do discurso emotivo-volitivo à luz da teoria bakhtiniana.

Como abordagem teórica nesta pesquisa analisar-se-á o tom EMOTIVO-VOLITIVO abordado nos estudos bakhtinianos, que entendem o discurso a partir de

ambientes sociais em que a linguagem é dialógica e revela as escolhas lexicais feitas a partir do *locus* social em que o sujeito se insere. Dessa forma, o discurso será apreendido como emaranhado em uma teia dialógica a partir de um sujeito e da linguagem.

Vale rememorar que o recorte para delimitar o *corpus*, nesta pesquisa, é percebido em quatro momentos – compreendidos cronologicamente durante e depois do período das eleições 2014 – considerando como primeiro deles a entrevista concedida em 04 de abril de 2014 ao “Programa do Ratinho” (SBT).

O segundo momento refere-se à entrevista concedida pelo candidato ao Portal UOL-Notícias, na *Internet*, no dia 22 de maio de 2014.

O terceiro momento é relativo à participação de Aécio Neves no Programa Roda Viva (TV Cultura), no dia 2 de junho de 2014.

E, finalmente, o quarto e último momento consiste em um discurso proferido na Tribuna do Senado, no dia 10 de junho 2015, e trata-se de um ensejo pós-campanha eleitoral. A escolha do corpus a partir de esferas distintas se deu para que o sujeito discursivo pudesse ser vislumbrado em situações distintas, entendendo assim ser possível analisar o tom EMOTIVO-VOLITIVO a partir de esferas discursivas distintas uma vez que para cada esfera há uma estrutura a ser atendida.

Dessa forma, também cabe assinalar que em cada esfera há um público a ser atendido lembrando que mesmo sendo duas entrevistas, ambas da esfera jornalística, elas têm público e meio de veiculação distintos já que em uma se trata de um canal aberto de TV tendo como veículo um programa popular e na outra se trata de uma entrevista que teve como meio a internet, uma vez que foi divulgada no site da UOL.

Em relação às duas outras esferas trata-se, respectivamente, na primeira de uma sabatina realizada por jornalistas conceituados, na TV Cultura, portanto, também está na esfera do jornalismo e da comunicação e, por último e mais distintos de todos os discursos, tem-se o pronunciamento na tribuna do Senado, discurso este escolhido para que fosse possibilitado confrontar a fala do político em seu ambiente com seus pares, para que fosse possível perceber a distinção e a especificidade do tom emotivo-volitivo em situações distintas.

É importante salientar que o pronunciamento na tribuna parlamentar, as entrevistas e o espaço de sua ocorrência são fatores relevantes uma vez que se deve considerar o contexto sociopolítico em que se inserem os discursos (as entrevistas durante a campanha eleitoral de 2014) e, principalmente, posto que a tramitação de

mudança na lei da Maioridade Penal (momento da atuação parlamentar) é posterior ao cenário eleitoral. Portanto, nos quatro momentos será destacada, exclusivamente, a abordagem dada pelo Senador Aécio Neves à temática da Maioridade Penal, seja na condição de candidato a um processo eletivo, seja no encargo do exercício do mandato parlamentar.

Os quatro discursos foram escolhidos a partir da diversidade dos âmbitos sociais em que foram produzidos, buscando destacar a peculiaridade do público ao qual estão direcionados cada um dos momentos e analisar, especialmente, o tom emotivo-volitivo utilizado pelo candidato Aécio Neves como estratégia dialética.

Os enunciados produzidos tanto no discurso do plenário quanto na entrevista e na sabatina estabelecem relação de interlocução que expressa o ato enunciativo de quem fala sobre algo e quem ouve, e sua responsividade se dá a partir de desdobramentos de olhares exteriores, por meio da dialogicidade. As palavras, revestidas de um valor social e apreciativo, bem como suas transformações em função dos objetivos e das condições de produção, apontam para o universo interno, para posições e para concepções de quem as produz. Verificar o que há por trás de cada enunciado em função do tempo e do espaço em que foram produzidos mostra, portanto, que ele atende a finalidades e intenções de quem o produz.

A multiplicidade de vozes, que ocupam espaços, posições éticas e ideológicas, que se divergem e se diferenciam num universo edificado por outras vozes, formam um coro de outras vozes. Palavras ganham formas, se movem, são mutáveis. Esses signos ideológicos não podem apenas ser considerados meras representações da realidade concreta, mas como tudo que é ideológico, estão relacionados ao que domina. Portanto as palavras possuem valores semióticos que serão seu princípio significativo.

A partir do exposto e do enfoque dialógico e axiológico a presente pesquisa tem como objetivo geral analisar o tom EMOTIVO-VOLITIVO dos enunciados emitidos pelo candidato Aécio Neves nos quatro momentos selecionados, acerca do tema Maioridade Penal, confrontando o discurso articulado pelo sujeito com o projeto de Proposta de Emenda Constitucional (PEC), de número 21/2013, de propositura do partido ao qual pertence o autor do discurso.

Os objetivos específicos desta pesquisa são: identificar as vozes que valoram o discurso no contexto social dos enunciados de Aécio Neves sobre a Maioridade Penal, conforme recorte para o *corpus* da pesquisa; verificar as circunstâncias em que

foi produzido cada enunciado considerando o tempo e o espaço em que foi produzido; e, sobretudo, analisar os tons valorativos, volitivos e emotivos dos enunciados do sujeito a respeito da Maioridade Penal, relacionando-os com o conteúdo da Proposta de Emenda nº 21/2013.

Como problema para esta pesquisa, destaca-se o fato de o candidato a presidente da República Aécio Neves apropriar-se de um discurso relacionado com uma temática de grande relevância para a sociedade – que está fragilizada pela falta de segurança – como forma de conquistar votos e, conseqüentemente, visar obter resultado exitoso nas eleições. Dessa forma, o candidato, com foco na Lei da Maioridade Penal, transforma a PEC 21/2013 em objeto de campanha, convertendo-a em discurso político, manejando recursos linguístico-discursivos para convencer o eleitor. O tom EMOTIVO-VOLITIVO se define nas entrelinhas dos enunciados visto que se trata de um tema que divide as opiniões do país às vésperas da campanha eleitoral.

Refletir sobre a temática aqui aludida é deveras pertinente uma vez que cada vez mais estudos nacionais e internacionais apresentam resultados alarmantes a partir da constatação do elevado índice de violência no país. Todos os cidadãos brasileiros anseiam por propostas que sanem a insegurança pública e, nesse contexto, a apresentação e (re)produção de um discurso no sentido de transformar a insegurança em uma questão de ordem no Brasil é muito persuasivo.

Portanto, analisar a ordenação da fala de um presidenciável à luz de Bakhtin é pensar sobre política a partir da análise dialógica do discurso (ADD), sobretudo, tendo como categoria o tom EMOTIVO-VOLITIVO atribuído ao seu discurso e como este pode conduzir os eleitores como sujeitos discursivos à adesão ou não da sua proposta.

Como metodologia para esta pesquisa optou-se por dois momentos distintos, a saber: o primeiro se molda em um recorte do *corpus* de análise, transcrição e escolha da categoria a ser analisada. E o segundo é destinado ao aparato teórico das leituras sobre a categoria nas teorias bakhtinianas, corroborando o embasamento teórico para a nossa pesquisa.

Os dados para a pesquisa foram coletados a partir dos discursos já mencionados e elencados na página 11 deste trabalho. O critério de seleção dos vídeos foi definido em função de dois contextos, buscando primeiramente conhecer o

discurso do sujeito enquanto candidato (2014) e, em seguida, apreciar o discurso desse mesmo sujeito investido do encargo de mandato parlamentar (2015).

Após a seleção do material coletado foi desencadeada a primeira fase em que foram estabelecidos os critérios de delimitação e conceituação do gênero entrevista e da enunciação. Finalizada essa primeira fase, partiu-se para a segunda fase, que consiste no levantamento e caracterização das categorias de análises de cunho interpretativo e qualitativo dos enunciados (discursos) e das entrevistas. Por fim, a terceira fase é constituída por análises dos enunciados e das entrevistas sob o ponto de vista dialógico da teoria de Bakhtin e o círculo.

A análise dialógica do discurso proposta por Bakhtin para o estudo da linguagem é o conceito basilar que sustenta o olhar lançado sobre os discursos investigados. Nessa perspectiva serão destacadas as formas e os tipos de interação verbal em situações concretas, os gêneros do discurso na vida e na criação ideológica, as categorias de análise do tom, o sujeito plural e as vozes do discurso, além de também acentuar a presença e especificidade de cada enunciado.

O segundo ponto do método, aplicado no estudo dessa fase, centrou-se no enquadramento da categoria de análise a partir do tom emotivo-volitivo dos enunciados contidos nos discursos do senador Aécio Neves expostos nas entrevistas em que participou.

Com base nisso, fizemos os seguintes questionamentos em busca de suas possíveis respostas: qual o lugar social do sujeito enunciativo? Qual sua orientação emotivo-valorativa do que diz, como o sujeito percebe seus interlocutores? Como estas relações dialógicas se apresentam em cada momento enunciativo e o onde este sujeito se encontra no momento dos enunciados?

Em termos estruturais, essa dissertação dividir-se-á em 5 capítulos, sendo que o 5º foi destinado para as considerações finais ou resultados da pesquisa. O capítulo 1 traz a Introdução, com apresentação do tema, objetivos, relevância do estudo, tendo um tópico subdividido destinado à metodologia da pesquisa e dos postulados apontados por Marconi e Lakatos (2003), Gil (1999) e Bardin (2011). No Capítulo 2 adentrar-se-á na fundamentação teórica da pesquisa, que servirá de base para as nossas análises posteriores. Nesse capítulo a teoria bakhtiniana será organizada a partir de um capítulo introdutório sobre o estudo da linguagem priorizando o recorte sobre as categorias do discurso na perspectiva dialógica. Destacar-se-ão conceitos

como a palavra, a pluralidade e a multiplicidade de vozes no universo de Bakhtin além do tom valorativo-volitivo e apreciativo do discurso.

O capítulo 3 aborda a categoria de análise que é o tom EMOTIVO-VOLITIVO nos enunciados (discursos) do Senador Aécio Neves sobre a maioria Penal, utilizando-se do conceito de enunciado político e o círculo de Bakhtin, as concepções de sujeito e o sujeito enunciativo versus o sujeito político. O sujeito em questão é definido na concepção Bakhtiniana como não emancipado, livre, mas que se constitui a partir das suas relações com outros sujeitos e em conformidade a esfera social em que esse mesmo sujeito faz parte.

O capítulo 4 contém as análises do *corpus*, com a transcrição dos enunciados do candidato Aécio Neves sobre a Lei da Maioria Penal. Para o recorte foram selecionadas entrevistas concedidas pelo referido sujeito ao programa da emissora de TV SBT, “Programa do Ratinho”, e pronunciamentos feitos pelo mesmo na tribuna do Senado Federal, em períodos que se definem durante o ano de campanha eleitoral 2014 e no pós-campanha eleitoral a partir do recorte teórico, tomando como ponto de partida as categorias do tom EMOTIVO-VOLITIVO, apreciativas dos enunciados do referido candidato no recorte temporal desta pesquisa.

Devido ao fato de esta pesquisa consistir em uma análise qualitativa foram considerados alguns fatores importantes que serão percorridos no capítulo destinado ao percurso metodológico. Estes fatores compreendem o discurso e suas condições de produção, espaço ou lugar de produção e tempo de produção no que se refere ao período em que o discurso foi produzido, além do lugar social de quem produz o discurso e seu caráter ideológico.

O trabalho será finalizado com nossas considerações finais que conterão apontamentos conclusivos da análise e uma perspectiva geral da pesquisa sempre trazendo à tona a relação do objeto de pesquisa e a categoria de análise proposta aqui a partir da apresentação de uma visão global de seus resultados.

1.2. PERCURSO METODOLÓGICO

Esta pesquisa enquadra-se como qualitativa e analítica uma vez que serão utilizados os métodos de análise dialógica do discurso, partindo das condições

enunciativas e dos sujeitos envolvidos para só depois, em um segundo momento, categorizar as análises e descrevê-los a luz da teoria bakhtiniana, a partir do dialogismo linguístico e do tom emotivo-volitivo, categoria eleita para auxiliar nas análises efetuadas.

Para a construção do nosso *corpus*, no primeiro momento, foi realizada a seleção dos vídeos em esferas sociais diferentes, na plenária do senado Federal e em entrevistas de programas televisivos para posterior transcrição. Após transcrever os primeiros vídeos foi eleita a categoria de análise o Tom-emotivo-volitivo, com base na teoria de Bakhtin.

Dessa forma, para objeto de pesquisa há o discurso do Senador Aécio Neves, sobre a Lei da Maioridade Penal, a partir da busca em compreender tais discursos, com enunciados concretos, a partir de situações comunicativas, pautada em fins persuasivos, direcionados para um dado leitor- o eleitor. Assim, buscou-se entender tais discursos a partir das ideias proferidas pelo candidato a partir do seu plano de governo, mas, sobretudo, a partir da apropriação do discurso de “outrem”- como denominado por Bakhtin, em sua teoria, em que os discursos são atravessados por diversos outros, neste caso, em uma PEC- proposta por senador – que não ele, mas que ele, na condição de candidato, utiliza-se desta, como proposta para solução da criminalidade no país, quando realizada por menores de 18 anos.

Como este sujeito ideológico e o seu caráter partidário se projetam a partir de seu discurso pode-se perceber essa projeção que será observada através de dados comprobatórios ao longo das análises, à luz do conteúdo, do recorte dos discursos de Aécio Neves e da PEC 21, que serão apreciados no capítulo destinado para este fim, considerando que, além dos recortes, o discurso do candidato em questão estará na íntegra constando no anexo neste trabalho.

2. O TOM EMOTIVO-VOLITIVO DO DISCURSO: MARCAS DISCURSIVAS QUE VALORAM O TOM ENUNCIATIVO

Viver significa ocupar uma posição de valores em cada um dos aspectos da vida, significa ser numa ótica axiológica (BAKHTIN, 1992, p. 203)

Não nos apropriamos da língua apenas para cumprir um ato comunicativo, mas utilizamos a língua também para cumprir um papel social, para agirmos socialmente de maneira consciente nos discursos proferidos. Nesta apropriação elaboramos e reelaboramos enunciados em forma de discursos. O enunciado é a materialização do discurso e aponta sempre para um direcionamento valorativo que denota de forma explícita, ou não, seu posicionamento enquanto sujeito ideológico, deixando marcas do tom valorativo emotivo-volitivo carregado de importância seja social, seja psicológica. A valoração se constitui na base ideológica uma vez que todo enunciado é também ideológico. Dessa forma, no discurso, haverá sempre uma projeção do discurso de outrem impregnado por diversas vozes discursivas que se dão na interdiscursividade, nas relações temáticas estabelecidas entre eles; trata-se do eu que se reflete no outro.

Assim,

O discurso de outrem constitui mais do que o tema do discurso; ele pode entrar no discurso e na sua construção sintática, por assim dizer, "em pessoa", como uma unidade integral da construção. Assim, o discurso citado conserva sua autonomia estrutural e semântica sem nem por isso alterar a trama linguística do contexto que o integrou. (BAKHTIN, ANO, p.108)

Cabe-nos refletir, a partir dessas relações, até que ponto o meu discurso é "propriedade" daquele que enuncia, uma vez que haverá sempre a relação dialógica com outras vozes. Dessa forma, a voz desse sujeito estará impregnada de valores e tons-valorativos que demarcam este sujeito, como refletido a partir de diversos discursos, porém sendo capaz de agir e intervir no seu meio social através da linguagem, que o torna um sujeito ideológico. Dito de outro modo os sujeitos, em suas relações dialógicas trazem consigo marcas linguísticas e palavras revestidas de tons que se manifestam valorativamente em seus enunciados, em forma de discursos, e são, também, os mesmos sujeitos que reelaboram e reacentuam os enunciados, atribuindo-lhes um novo tom valorativo, uma vez que agem sobre a linguagem e na

linguagem: “Essas palavras dos outros trazem consigo a sua expressão, o seu tom valorativo que assimilamos, reelaboramos e reacentuamos.” (BAKHTIN, 2003, p. 295).

As palavras são assimiladas numa posição responsiva de cada sujeito, inserido num dado contexto social e, sendo assim, também serão reelaboradas de modo a garantir a origem de outros discursos ou de outras palavras. Quando reacentuadas estas mesmas palavras ganham outros sentidos e se revestem de tons valorativos. Estes outros sentidos se darão a partir do lugar de quem produz o discurso, da posição social e ideológica, e a partir do lugar de quem ouve. Seus conceitos, sua posição social e ideológica se estabelecem sobre uma atmosfera que se projeta através das relações interpessoais e dialógicas. É nessa conjuntura que os sujeitos se relacionam consigo mesmo e com os outros, interagindo para estabelecer vínculos, primeiramente consigo mesmos e depois com o outro, que está atuando no discurso.

O agir ou não diante dos discursos de outrem, a reação e a não reação perante as palavras alheias Bakhtin chama de “apreensão apreciativa do discurso”. Faz-se necessário destacar aqui o valor na linguagem que se entende por apreciação que é de caráter axiológico. A apreciação favorece a compreensão responsiva que é determinada pelas escolhas linguísticas feitas pelo sujeito no momento enunciativo, seu lugar social e suas posições ideológicas vão determinar suas escolhas linguísticas, a partir do léxico usado nos discursos, pois quando opta-se por um determinado léxico, em detrimento de outro, há um recorte, mesmo que esta escolha seja de ordem “automática”, o sujeito, ao selecionar estes temas, por sua vez, demarca suas escolhas e se coloca como sujeito discursivo.

Sendo assim o lugar ocupado por este sujeito é a condição básica, necessária para a produção ideológica do discurso. Dessa forma, este recorte léxico faz com que o sujeito, automaticamente, determine para quê e o para quem a seleção das palavras é direcionada no momento enunciativo. Suas intenções estão para o que foi dito e o que não foi dito, o que ficará subentendido é o que está nas entrelinhas do discurso. O não dito é tão compressível quanto o que foi dito no momento enunciativo. Não existe, pois, neutralidade mesmo no não dito, ele é sempre preenchido de sentidos e reacentuado de outros sentidos. Para Bakhtin a palavra é determinada a partir da situação de uso:

Como palavra neutra da língua que não pertence a ninguém, como palavra do outro pertencente a outros e que preenche o eco dos

enunciados alheios; e, finalmente, como palavra minha, pois, na medida em que uso essa palavra numa determinada situação, com uma intenção discursiva, ela já se impregnou de minha expressividade (BAKHTIN, 2000 [1979], p. 294).

Conforme a citação não existe neutralidade no discurso, ninguém produz um discurso no vácuo. Pela sua própria natureza, o discurso é carregado de intenções e de valores, reflete a ideologia de quem o produz, seu posicionamento e o seu lugar social. As palavras admitem sentidos e significados que são percebíveis, de modo que não se deve desconsiderar o universo ideológico de cada sujeito que as produz. No entanto, estes sentidos não dependem tão somente de quem produz, mas também dependem de outros sujeitos e de suas relações dialógicas.

Brait (2006, p.28/29) chama a atenção para a presença do outro nas relações dialógicas, “interferindo nas noções do sujeito, de autoria, de texto e de discurso”. Assim, o Eu quando se apropria do discurso do Outro para construir o seu próprio discurso, e, ainda, se tornará viável e necessário detectar até que ponto este discurso será apenas desse Eu-discursivo, com palavras pertencentes só a ele e não a Outro sujeito, uma vez as vozes se entrelaçam em uma atmosfera única, criando tons valorativos carregados de valores apreciativos. Assim,

A atividade estética propriamente dita começa justamente quando estamos de volta a nós mesmos, quando estamos no nosso próprio lugar, fora da pessoa que sofre, quando damos forma e acabamento ao material recolhido mediante a nossa identificação com o outro, quando o completamos com o que é transcendente à consciência que a pessoa que sofre tem do mundo das coisas, um mundo que desde então se dota de uma nova função, não mais de informação, mas de *acabamento*: a postura do corpo que nos transmitia a sua dor tornou-se um valor puramente plástico, uma expressão que encarna e acaba a dor expressa e num tom emotivo-volitivo que já não é o da dor; o céu azul que o emoldura tornou-se um componente pictural que traz solução à dor. E todos esses valores que acabam a imagem do outro, eu. (BAKHTIN, 1997, p. 29)

Mesmo quando este Eu se encontra sozinho, fisicamente, ele não estará alheio a estas outras vozes, pois mesmo no silêncio dialogamos com outras vozes, mesmo que estas nossas estejam entrelaçadas com o Eu em um ato monológico. Contudo, este Eu estará dialogando com diversos “EUS” que habitam nos sujeitos, tornando-os, paradoxalmente, singulares e múltiplos. Desta forma, a partir do momento que um sujeito se apropria de um discurso, estará moldando este discurso, atribuindo o tom

desejado para uma dada situação enunciativa podendo agir, assim, de modo apreciativo ou não, argumentativo ou não, valorando ou não e, desse modo, tornando este discurso singular através de um ato de fala, uma vez que não poderá mais ser proferido da mesma maneira, acentuado por uma pluralidade de vozes que o constitui.

Pensando desta forma, será que o discurso é realmente daquele que enuncia? Ou se reproduz o discurso do outro de modo a reacentuá-lo, transformando-o no discurso daquele que enunciou? Até onde este Eu é dono do seu dizer? Assim, estas vozes que se entrelaçam fazem parte do universo polifônico da interação, num espaço ideológico de alteridade entre o “eu” e o “outro”. É por meio de relações dialógicas que os discursos são partilhados, mesmo na singularidade do sujeito, construindo novos discursos, jamais dito, é nesta “moldagem”, reconstrução discursiva que o sujeito se apropria do discurso, tornando-o singular e seu. Isso clarifica a ideia de que

Toda a essência da apreensão apreciativa da enunciação de outrem, tudo o que pode ser ideologicamente significativo tem sua expressão no discurso interior. Aquele que apreende a enunciação de outrem não é um ser mudo, privado da palavra, mas ao contrário um ser cheio de palavras interiores. (BAKHTIN, 1981, p.111)

Dito de outra maneira, cada ato singular de produção do discurso se manifesta em uma situação real e num contexto real e é o resultado de vozes sociais que são projetadas através das palavras produzidas por cada sujeito. Para Bakhtin, tanto o mundo da voz quanto o mundo da letra se fundem. Os dois mundos se unificam através da produção dos sentidos que são transmitidos pelas vozes personalizadas, que ocupam lugar representativo de suas posições ideológicas que se divergem, que se diferenciam numa interlocução contínua com outras vozes.

De acordo com Brait (2006) as relações dialógicas inferem nas noções de sujeito e de autoria do discurso, ou seja, mesmo sendo um sujeito singular, único e individual nas relações dialógicas, o discurso produzido por ele passa a não ser um discurso individual, seu apenas, ele pertence ao outro também nas relações dialógicas, uma vez que nele existe uma pluralidade de vozes. Partindo desta concepção entende-se, aqui, que um sujeito se coloca no lugar do outro nas relações dialógicas partilhando do discurso, com tons diversos. Assim, esse sujeito e essas vozes são refretados por diversos “outros”. Para Bakhtin (1997), este Eu e este Outro estão sendo refratados pela linguagem e, no dialogismo linguístico, se fundem em um

só discurso. Para ele, este sujeito valorativo-emotivo age e atua pelo olhar do outro, pode-se perceber bem este espelhamento na concepção bakhtiniana:

E mesmo que ele visse o que vejo — se se encontrasse na frente de um espelho, por exemplo —, não teria um enfoque emotivo-volitivo apropriado a essa visão que, em sua consciência, não se situaria como ela se situa na consciência do contemplador. No meu processo de identificação, devo abstrair-me do significado autônomo dos fatos que são transcendentais à consciência do outro e que utilizarei a título de informação, como dispositivo técnico que me permite identificar-me com ele; a expressividade externa abre-me o acesso ao interior do outro, permite-me fundir-me com ele por dentro. Mas será a fusão interna o objetivo principal da atividade estética para a qual a expressividade externa não seria mais que um meio, uma fonte de informação? (BAKHTIN, 1997, p. 29)

Bakhtin (2010) afirma que todos os atos do sujeito estão sempre carregados de tons EMOTIVO-VOLITIVOS. Cada evento ou ato singular é caracterizado por seu matiz valorativo. No discurso do presidente Aécio Neves, foco das análises do capítulo seguinte, pode ser destacado o quanto o tom valorativo, EMOTIVO-VOLITIVO e apreciativo do discurso determinam o sujeito e seu discurso. Os fragmentos dos discursos do candidato à presidência da República, sobre a Lei da Maioridade Penal no recorte temporal devem ser compreendidos, considerando a unicidade social e ao seu contexto real visto que se trata de um momento em que se vislumbram uma campanha eleitoral e que o tema em questão é divisor de opiniões entre a população. Também deve ser observado o tom valorativo e volitivo do discurso e sua apreciação, considerando-se que se trata de um tema de caráter jurídico, mudança de uma lei, vista por uma perspectiva política.

O valor que envolve todo existir-evento singular não é uma reação instintiva do ser, não há reação passiva, ela é responsivamente ativa, é consciente e responsável, e “transforma uma possibilidade na realidade de um ato realizado, de um ato de pensamento, de sentimento, de desejo, etc.” (BAKHTIN, 2010, p. 91). Não há passividade na recepção do discurso. Essa recepção é responsiva e ativa, ela cria e recria e dá novos sentidos ao enunciado (discurso). É ativa porque recria o discurso, agindo sobre ele, e é esse ato ou esta ação criadora que gera outros discursos a partir de outros discursos alheios ao nosso. Para Bakhtin (1997), o momento da atuação, da escolha da palavra, é o lugar onde o sujeito demarca a sua subjetividade discursiva. Sendo assim,

O momento de atuação do pensamento, do sentimento, da palavra, de uma ação, é precisamente uma disposição minha ativamente responsável – emotivo-volitiva em relação à situação na sua totalidade, no contexto de minha vida real, unitária e singular. (BAKHTIN, 2010, p. 91-92).

De acordo com o pensador russo, o momento ativo de atuação, de produção do discurso é um ato singular unitário do sujeito e que o tom valorativo- emotivo demarca a disposição ativa e responsável desta ação. Para Bakhtin (2010), o existir está condicionado ao posicionamento diante das relações de valores. As relações axiológicas que engendram o discurso estão diretamente associadas ao posicionamento de cada sujeito e este a tudo que é ideológico e que faz parte da nossa vida real. Todo ato e/ou agir é sempre emotivo-volitivo visto que estão sempre carregados de entonações e o extralinguístico responsável pela compreensão dos enunciados, que adentram em todos os momentos contextuais e situacionais, pois se trata de considerar o conhecimento de mundo, compartilhado pelos falantes no ato da fala. Os entornos que envolvem cada enunciado produzido são totalizados de valores e tons que vão sendo construídos ao longo de cada manifestação enunciativa que o sujeito produz num dado contexto social.

Bakhtin e Volochinov (2006) ressaltam que para o existir único e seu tom valorativo-emotivo ainda há uma relação entre valoração e ideologia e que todo signo ideológico, toda palavra, estão impregnados pelo social de uma época e de um grupo social determinado. Todo signo é ideológico e, sendo assim, portanto, todo enunciado reflete a ideologia de quem o produz e, desta forma, podemos dizer que, sendo assim, o sujeito também é ideológico e reflete a ideologia do grupo social ao qual pertence.

Os “enunciadores” são reais em contextos e situações reais, os posicionamentos são revestidos ideologicamente, refletindo o universo no qual o sujeito se insere socialmente e politicamente. Estas situações reais denotam,

Precisamente o momento constituído pela minha auto-atividade numa experiência vivida – a experimentação de uma experiência como minha [...] Essa relação da experiência comigo como aquele que é ativo tem um caráter sensual-valorativo e volitivo – realizador – e ao mesmo tempo ela é responsavelmente racional. [...] O momento constituído pela realização de pensamentos, sentimentos, palavras, ações práticas é uma atitude ativamente responsável que eu próprio assumo – uma atitude emocional-volitiva em direção a um estado de

coisas em sua inteireza, no contexto na vida real unitária e única (BAKHTIN, 1993 [1920-1924], p. 54-55).

Um ato consciente é uma experiência ativa vivida e tem caráter valorativo-EMOTIVO-VOLITIVO que se constitui no momento realizador que, por sua vez, está diretamente associado ao contexto real da experiência vivida, a um ato ou a um acontecimento histórico também real. É um ato responsável e racional visto que é realizador consciente do sujeito ativo. Esse caráter “senso-valorativo” e EMOTIVO-VOLITIVO dar-se-á por meio de experiência vivida formada ou constituída por atos concretos e atitudes que assumo no dado contexto real. A atitude volitiva- emotiva é de vontade criadora que o individuo assume numa relação com ele mesmo inserida em uma realidade concreta de suas experiências. É essa realidade concreta que define a atitude volitiva- emotiva do sujeito e determina a construção de seus enunciados (discursos) de maneira que é nessa vontade criadora posta em cada momento enunciativo que ele faz suas escolhas linguísticas que são projetadas no universo extralinguístico de cada sujeito.

Segundo Bakhtin e Volochinov (2006, p. 46) todo signo ideológico tem um “índice social de valor” que é construído ideologicamente, muito embora consista em um ato singular porque, mesmo sendo este ato singular e individual, o individuo se constitui socialmente e atinge projeções de valor, com intenções sociais. De acordo com a concepção do círculo de Bakhtin, “todo enunciado é ideológico” e expressão, é um direcionamento ou posicionamento social.

Desse modo, pode-se compreender que há uma relação que se constitui por meio do signo que é ideológico /linguagem e o lugar social que o sujeito ocupa, uma vez que toda palavra traz consigo valores e estes, por sua vez, são ideológicos. Constata-se uma dimensão valorativa dos enunciados (discursos) e de sua materialização, pois se trata de um ato concreto de uma realidade e de uma experiência vivida, de um momento histórico e os entornos estão na materialidade entonativa dos enunciados. Os tons volitivos- emotivos dos enunciados são evidentes nas escolhas linguísticas feitas pelo sujeito no momento enunciativo, dando entonação ao que se pretende atingir. Conforme a teoria de Bakhtin (2010) o sujeito sempre terá uma atuação, seja esta por meio ou não da palavra, ele exercerá uma ação responsável volitiva-emotiva, em conformidade ao contexto situacional real de sua experiência vivida em um dado evento singular.

Segundo Faraco (2009, p. 46-47), “na concepção do Círculo, sempre ideológico – para eles [membros do Círculo], não existe enunciado não-ideológico. É ideológico em dois sentidos: qualquer enunciado se dá numa esfera de uma das ideologias [...] e expressa sempre uma posição avaliativa ...” (FARACO, 2009, p. 46-47). Essa posição avaliativa é também ideológica, pois se dará no âmbito de uma das esferas ideológicas considerando que os enunciados (discursos) passarão por avaliações apreciativas que originarão outros discursos construídos no interior das concepções axiológicas de cada sujeito único. Consoante à teoria bakhtiniana, um dado enunciado isolado se dá em um contexto cultural, “semântico-axiológico”.

Um enunciado isolado e concreto sempre é dado num contexto cultural e semântico-axiológico (científico, artístico, político, etc.) ou no contexto de uma situação isolada da vida privada; apenas nesses contextos o enunciado isolado é vivo e compreensível. (BAKHTIN, 1998, p. 46).

Podemos dizer, então, que mesmo sendo um enunciado (discurso) isolado ocorre em um contexto cultural e semântico-axiológico. Em outras palavras, este enunciado reflete o momento circunstancial de sua produção e são constituídos sentidos com entornos valorativos. A relação que se estabelece entre o que está expresso e seu tom EMOTIVO-VOLITIVO está diretamente relacionada à textura histórica, à situação e ao contexto real de atuação do sujeito e da produção do discurso.

Assim, Bakhtin em *Estética da Criação verbal* (1999) afirma que:

A expressividade de um enunciado é sempre, em menor ou maior grau, uma *resposta*, em outras palavras: manifesta não só sua própria relação com o objeto do enunciado, mas também a relação do locutor com os enunciados do outro. As formas de reações-respostas que preenchem o enunciado são sumamente variadas e, até agora, nunca foram estudadas. Essas formas se diferenciam nitidamente segundo as particularidades das esferas da atividade e da vida cotidiana do homem nas quais se efetua a comunicação verbal. (BAKHTIN, 1998, p. 178)

E ainda,

O enunciado do outro e a palavra do outro, conscientemente percebidos e distinguidos em sua alteridade, e introduzidos em nosso enunciado, incutem-lhe algo que se poderia qualificar de irracional do ponto de vista do sistema da língua, e a entonação é um fato

particularmente sensível e se refere sempre a mais além do contexto.
(BAKHTIN, 1998, p.178)

O tom emotivo-volitivo não está somente para o conteúdo, mas também para a relação existente entre o sujeito e o que ele diz no seu ato enunciativo. A entonação é caracterizada pela relação que se estabelece entre o enunciado e a situação histórica social.

Podemos afirmar que a valoração é definida a partir da ligação que se constitui entre o enunciado concreto (discurso) e sua situação, seu contexto social e histórico, e que é a valoração social do próprio contexto de produção destes enunciados, que determinam seu sentido ou seus vários sentidos. Os enunciados são a materialização do discurso, estes por sua vez concretos, irrepetíveis, historicamente, “[...] está na fronteira entre a vida e o aspecto verbal do enunciado; [...] ela dá a qualquer coisa linguisticamente estável o seu momento histórico vivo, o seu caráter único.” (BAKHTIN, 1926, p. 09).

O caráter único do enunciado o faz irrepetível, pois cada enunciado é construído em um evento único que se dá em um ato singular que também é único, ele será preenchido de novos entornos de novos sentidos, de valoração e tons volitivo-emotivos. Assim, os enunciados serão reacentuados admitindo outros sentidos e dando origem a outros enunciados a partir da apreciação feita pelos sujeitos nas relações dialógicas e ganharão novos entornos. Os sentidos que são dados advêm da apreciação que será feita. Deve-se lembrar ainda que a palavra é de natureza polissêmica e é esta natureza que permite a ela vários significados ou vários sentidos de acordo com o seu contexto de uso.

Segundo Bakhtin a palavra expressa através da fala não contém apenas tema e significação no seu sentido objetivo, pois ela é acompanhada de um valor apreciativo, conforme citação abaixo:

Toda palavra usada na fala real possui não apenas tema e significação no sentido objetivo, de conteúdo, desses termos, mas também um acento de valor ou apreciativo, isto é, quando um conteúdo objetivo é expresso (dito ou escrito) pela fala viva, ele é sempre acompanhado por um acento apreciativo determinado. Sem acento apreciativo, não há palavra (BAKHTIN, 1995, p. 132).

O momento real de utilização da palavra que é expresso a partir da fala virá carregado de valor apreciativo. A palavra não contém somente o tema e a significação

no sentido restrito. Pode-se dizer que todo conteúdo, seja ele falado ou escrito, está sempre acompanhado de um acento apreciativo ressignificado e que, por sua vez, este acento apreciativo é também valorativo. A valoração se dá na consciência de um ato responsável realizado, repleto de vontade e desejo do sujeito.

Todo momento interacional é por sua natureza ativo que se dá a partir do processo de interlocução e, mesmo que um sujeito inicie sua fala, enquanto outro sujeito a apreenda, é nas relações dialógicas que os enunciados ganham outros sentidos e são acentuados e reacentuados de acordo com o contexto enunciativo do qual os sujeitos fazem parte. Nesse processo de apreensão e de interlocução um sujeito passa a palavra a outro sujeito que expressa determinada reação. Nesta ocasião de interlocução não existe sujeito passivo, existem interlocutores ativos mesmo diante de um não dito, pois o não dito tem tanto valor quanto o que foi dito. Dessa forma, o silêncio também tem valor apreciativo.

Esta reação também compreendida como resposta é um ato valorativo do sujeito sobre o que foi dito com relação ao conteúdo exposto. O conteúdo não é algo aleatório, ele é pensado, não é “impenetrável” visto que ele é introduzido num pensar que é emotivo-volitivo. Para Bakhtin todo ato enunciativo vivido é concreto e também é um ato emotivo-volitivo, pois são cruzados de tons incorporados pelo conteúdo e pelo momento enunciativo. Os enunciados são fruto das relações humanas com a linguagem e, desse modo não há como os desprender e (ou) dissociá-los da vida e do contexto histórico. O conteúdo faz parte dos fenômenos socioideológicos, é abarcado pelo tom emotivo-volitivo que está diretamente relacionado ao “existir-evento” singular. Mesmo estando relacionado ao evento singular o conteúdo é parte das relações dialógicas, sendo parte destes fenômenos sócio-históricos, entrelaçados por diversos “eus” e “outros”.

Partindo deste pressuposto podemos dizer que a valoração é determinada por uma atitude responsiva dos sujeitos que se constitui nas relações dialógicas discursivas, que só acontece por meio do dialogismo linguístico. Convém lembrar que esta situação motiva o sentido ou os vários sentidos que este enunciado pode admitir e que também estão expostos à apreciação dos sujeitos envolvidos ou não, no contexto enunciativo. Além disso, cabe aos sujeitos atribuir o tom apreciativo e a valoração conforme a ideologia do grupo do qual fazem parte. O tom emotivo-volitivo será, pois, manifestado também a partir do posicionamento do sujeito com relação ao conteúdo enunciativo exposto e este posicionamento denota, sobretudo, o

posicionamento do grupo social ao qual o sujeito pertence que, por sua vez, é de caráter ideológico. Agregado a estas características que envolvem o discurso acrescenta-se a entonação atribuída pelo falante no discurso, que pode repousar no valor ideológico ou em outras características dada pelo sujeito ao tom discursivo.

Dito de outra maneira, para Bakhtin, a entonação “[...] está na fronteira entre a vida e o espaço verbal enunciado, [...] ele dá a qualquer coisa linguisticamente estável o seu momento histórico vivo, o seu caráter único.” (BAKHTIN, 1926, p.09). Essa colocação apenas corrobora com o que já foi afirmado anteriormente que, de acordo com a teoria de Bakhtin, o tom emotivo-volitivo não está apenas para o conteúdo expresso, mas ele está também para a relação existente entre o sujeito e seu ato. O tom e a emoção são manifestados na utilização concreta real da língua diante de uma experiência vivida em forma de enunciados que é a concretização dos discursos.

A enunciação é posta pelo falante em relação ao ouvinte, que ocupa uma posição responsiva sobre este enunciado. Assim,

O empenho em tornar inteligível a sua fala é apenas o momento abstrato do projeto concreto e pleno de discurso do falante. Ademais, todo falante é por si mesmo um respondente em maior ou menor grau: porque ele não é o primeiro falante, o primeiro a ter violado o eterno silêncio do universo, e pressupõe não só a existência do sistema da língua que usa mas também de alguns enunciados antecedentes – dos seus e alheios – com os quais o seu enunciado entra nessas ou naquelas relações [...]. Cada enunciado é um elo na corrente complexamente organizada de outros enunciados. (BAKHTIN, 2003, p. 272).

Cada enunciado exerce relações interdiscursivas com outros enunciados é o que entendemos como sendo a relação temática e de conteúdo existente entre eles. Esta reprodução está sujeita a apreciação que, por sua vez, também será acrescida de tons que darão ressignificação e novas acentuações aos enunciados.

No contexto interativo de interlocução, os interlocutores, sujeitos envolvidos no ato comunicativo, alternam de lugar. Dessa forma, se posicionam ora como falantes, ora como ouvintes, tecendo, assim, a cadeia enunciativa estabelecida a partir das relações dialógicas existente entre eles. Nesse ínterim, o conteúdo axiológico enunciativo será ressignificado e terá o tom EMOTIVO-VOLITIVO e apreciativo posto por cada sujeito/interlocutor. Neste elo de alteridade entre eles, está a atitude responsiva que todo falante/ouvinte possui perante um conteúdo exposto, guiada por enunciados que se constroem a partir de outros enunciados, denominado pelo autor

russo de “corrente”. Cada enunciado une outro e/ou outros enunciados nesta cadeia de enunciados.

Uma atitude volitivo-emotiva, que se pode pontuar, é aquela vontade criadora que o indivíduo tem de assumir uma relação com ele mesmo inserida em uma realidade concreta de suas experiências vividas. Trata-se de um momento de atuação e de produção de enunciados em forma de discurso e, por isso, esta atividade exercida por ele se constitui em um ato singular unitário desse sujeito. O tom EMOTIVO-VOLITIVO é uma disposição ativamente responsável desta ação criadora do sujeito. O tom que entoa a partir do pronunciamento do sujeito é ainda acentuado pela relação que há entre valoração do conteúdo e a ideologia do mesmo.

Neste sentido,

Pode-se colocar que a palavra existe para o locutor sob três aspectos: como *palavra neutra* da língua e que não pertence a ninguém; como *palavra do outro* pertencente aos outros e que preenche o eco dos enunciados alheios; e, finalmente, como *palavra minha*, pois, na medida em que uso essa palavra numa determinada situação, com uma intenção discursiva, ela já se impregnou de minha expressividade. Sob estes dois últimos aspectos, a palavra é expressiva, mas esta expressividade, repetimos, não pertence à própria palavra: nasce no ponto de contato entre a palavra e a realidade efetiva, nas circunstâncias de uma situação real, que se atualiza através do enunciado individual. Neste caso, a palavra expressa o juízo de valor de um homem individual (aquele cuja palavra serve de norma: o homem de ação, o escritor, o cientista, o pai, a mãe, o amigo, o mestre, etc.) e apresenta-se como um aglomerado de enunciados. (BAKHTIN, 1999, p.176)

Toda palavra, dita ou não, nas relações dialógicas é carregada de valores apreciativos que, muitas vezes, são ideológicos, posto que todo signo é ideológico. A palavra é também embarcada pela situação concreta vivida e pelo contexto social histórico, ela é parte integrante de um grupo constituído socialmente e é determinada axiologicamente. Reitera-se que a palavra é de natureza social, ela não é uma coisa, mas o meio eternamente “móvel”, eternamente mutante da comunicação social e plural.

Assim, para Bakhtin (1999, p.177)

Um enunciado concreto é um elo na cadeia da comunicação verbal de uma dada esfera. As fronteiras desse enunciado determinam-se pela alternância dos sujeitos falantes. Os enunciados não são indiferentes uns aos outros nem são auto-suficientes; conhecem-se uns aos

outros, refletem-se mutuamente. São precisamente esses reflexos recíprocos que lhes determinam o caráter.

Dessa forma, a palavra nunca tende a uma só consciência, uma só voz, já que mesmo em sua singularidade discursiva ela é plural, pois há várias outras vozes em sua constituição. A vida da palavra consiste em passar de boca em boca, de um contexto a outro, de um coletivo social ao outro, de uma geração a outra geração. Com isso a palavra não se esquece de seu caminho e não pode se liberar plenamente daqueles contextos concretos de experiências vividas pelo sujeito, ela é acentuada de tons volitivo-emotivos e ressignificada sempre que um novo sujeito se apropria dela, atribuindo, assim, uma nova dimensão a este discurso que passa a ter as marcas linguísticas e ideológicas desta nova emissão discursiva.

2.1 O TOM EMOTIVO-VOLITIVO: SUJEITO DO DISCURSO X O SUJEITO POLÍTICO

Neste tópico iremos tratar, especificamente, do discurso político na perspectiva bakhtiniana, considerando sua conceptualização ao longo da Análise dialógica do discurso (ADD) e suas condições de produção, uma vez que o tom volitivo- emotivo do discurso será o cerne das nossas análises.

Segundo Faraco (2003, p. 15) “o círculo trata-se de um grupo de intelectuais [...] que se reuniam regularmente entre os anos que vão de 1919 a 1929, primeiro em Nevel e Vitebsk e, depois, em São Peterburgo.” De acordo com a teoria de Bakhtin a língua não é um sistema abstrato nem se constitui isolada ou apenas como parte fisiológica.

Sobral (2006, p.28), fazendo uma leitura do teórico russo, as esferas são entendidas por “Bakhtin como “regiões” de recorte sócio-histórico-ideológico do mundo, lugares de relações específicas entre sujeitos e não só em termos de linguagem.” Dessa forma, estaremos utilizando este conceito para capturar a esfera política e o sujeito discursivo que nela se insere. Assim,

Esfera tem um caráter mais amplo do que definições de “instituição” que se restringem àquilo que o Estado inclui em seu aparato, definições que perdem de vista o fato de que a mera co-presença de duas pessoas é já um evento institucional, é já uma relação social e histórica que envolve toda a sociedade, do ponto de vista de seus

diferentes recortes possíveis num dado momento histórico: a relação entre duas pessoas traz à cena a soma total das relações sociais dessas pessoas, envolvendo no mínimo um espectro que vai da família ao Estado. (SOBRAL, 2006, p.28)

Considerar um discurso de caráter especificamente jurídico como sendo um discurso político, pertencente à esfera política, chama atenção seu tom valorativo, EMOTIVO-VOLITIVO e apreciativo. Partindo do pressuposto de que a relação discursiva se estabelece a partir do dialogismo dos enunciados em que cada sujeito se encontra frente à situação discursiva e de toda arquitetura que envolve o círculo de Bakhtin, iremos refletir sob o discurso político a partir de tais condições. A língua é concreta e um ato social e, também, concreto de interação verbal. Conforme postula o estudioso

A verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas linguísticas nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato fisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno social da interação verbal, realizada através da enunciação ou das enunciações. A interação verbal constitui assim a realidade fundamental da língua. (BAKHTIN, 2002, p. 123).

Dessa forma, pensar em língua/ linguagem à luz de Bakhtin é refletir sobre este ato, a partir das condições de produção, em que a interação se dá por meio e no social, através das práticas enunciativas. Então, conforme Bakhtin “A interação verbal constitui assim a realidade fundamental da língua.” (BAKHTIN, 2002, p. 123).

A definição que pode ser encontrada no pensamento bakhtiniano para a expressão é que ela consiste em tudo aquilo que, tendo se formado e determinado de alguma maneira o psiquismo do indivíduo, exterioriza-se objetivamente para outrem com a ajuda de algum código de signos exteriores, e se constrói no interior de cada indivíduo, visto que compõe seu psíquico e faz parte do processo mental (BAKHTIN, 2002, p. 105/106).

Para Bakhtin, a situação e os participantes mais imediatos determinam a forma e o estilo ocasionais da enunciação (BAKHTIN, 2002, p.107), o momento histórico de atuação do sujeito definem a construção e a composição do enunciado. As relações dialógicas serão estabelecidas a partir da interação dos sujeitos com os conteúdos e esta relação não é, pois um ato isolado visto que há sempre um processo de

interlocução entre os participantes. Mesmo quando a comunicação é considerada unilateral, aquela que se entende por comunicação em que só uma parte se manifesta no momento comunicativo, ainda assim há interação, pois este sujeito interage com as diversas vozes que habitam seus dizeres e os discursos externos a ele.

Para exemplificar, pode-se apontar a ideia da leitura de um livro. Sob esta perspectiva teria caráter unilateral, no entanto, no momento em que o leitor entra em contato com o texto, estabelece um diálogo de forma direta com as ideias do autor. Portanto, mesmo que não compactuem do mesmo instante enunciativo não significa que ambos, leitor e autor, deixem de dialogar. Ali, no ato da leitura, tem-se uma imersão dialógica, pois o leitor dialoga com o autor, com a história narrada, consigo mesmo, é o que muitos autores denominam como o tripé autor-texto-leitor, pois há um dialogismo entre o autor e o leitor mediado por meio do texto, entendido, aqui, como enunciado. Conforme Koch (2008) essa leitura, a partir da concepção da interação, se efetiva por meio de uma concepção dialógica, em que “os sujeitos são vistos como ativos/construtores sociais, sujeitos ativos que – dialogicamente- se constroem e são construídos no texto, considerando o próprio lugar da interação e da constituição dos interlocutores” (KOCH, 2008, p.10/11)

Percebe-se com isso como a afirmação de Koch (2008) dialoga com a perspectiva de Bakhtin, em que os sujeitos e os textos, entendidos aqui como discurso e/ou enunciados, são impregnados do social em contexto de interação. Nesta mesma perspectiva, para Sobral (2008, p 92),

O conceito de dialogismo é a base da concepção dos atos humanos como essencialmente inacabados, ainda que plenamente realizados, atos em permanente tensão com outros atos, passados e futuros, ou seja, base da idéia de que só da diferença nasce o sentido, sem menosprezar a semelhança.

Dessa forma, conforme Sobral, em concordância com a teoria de Bakhtin, o dialogismo é uma condição humana, que só é possível pela e na linguagem. Para isso, os enunciados se efetivam em forma de discursos inacabados, ainda que plenamente realizados. Segundo Bakhtin, a palavra comporta duas faces. “Ela é determinada tanto por quem fala, quanto de quem ouve (BAKHTIN, 2002, p.107).” Neste contexto confrontam-se ideias e opiniões entre quem escreveu (autor- produtor) e leitor que, em um determinado momento, assume o papel de coautor ou produtor, uma vez que ele recria, interage com o enunciado, tecendo uma nova teia discursiva.

Observando por esta ótica, o leitor sai do ato passivo e vai para o ato ativo onde ele recria, reacentua, ressignifica e dá vida a outro texto a partir de sua visão e de seu espaço ideológico do saber.

Nesse direcionamento,

A enunciação enquanto tal é um produto da interação social, quer se trate de um ato de fala determinado pela situação imediata ou pelo contexto mais amplo que constitui o conjunto das condições da vida de uma determinada comunidade linguística. (BAKHTIN, 2002, p. 121).

Então, o enunciado é resultado da interação social estabelecida entre os sujeitos inseridos ou não em um dado contexto situacional. Estes sujeitos darão novos sentidos aos enunciados a partir de sua apreciação e de sua construção discursiva, a partir do seu lugar, do seu dizer. Nas relações dialógicas do que o “eu” está para o “outro” assim como o outro também está para o eu, é nesta alteridade que os sujeitos se confrontam, se entrelaçam, assumindo suas posições e se colocando no lugar do outro, fundindo-se na teia discursiva. O conteúdo exposto denota o posicionamento do sujeito com relação ao tema abordado. Sendo assim, mesmo que de forma indireta, não explícita, o sujeito denota sua posição ideológica não havendo, portanto, neutralidade no seu discurso, ele é sempre intencional de uma carga ideológica que ora confunde os dois mundos dialógicos, ora se mescla criando novos discursos.

O diálogo pode ser entendido como confronto de ideias, pontos de vista, ou simplesmente, uma concordância, mas, de todo modo, uma contribuição linguística do outro sobre o meu dizer, e do meu dizer na retomada do discurso do outro, anulando-se, mesmo que em um monólogo este “eu” seja puro, neutro do dizer do outro. Neste sentido, “[...] enunciação monológica do ponto de vista do subjetivismo individualista: - Ato puramente individual, de seus desejos, suas intenções, seus impulsos criadores, seus gostos [...]” (BAKHTIN, 2002, 104/105). Poderia ser a leitura este momento enunciativo considerado monológico, porém nem assim estaria desprovido de intenções carregadas de ideologia.

Já para Sobral (2006, p.81)

Falar, enunciar, é, portanto, um ato que cria uma ligação entre o “sistema lingüístico” e o sistema concreto de relações entre os seres humanos, a sociedade, a realidade, que chegam à nossa consciência por meio dos enunciados, dos discursos. No enunciado, os sentidos só são compreensíveis se levamos em conta a negociação

permanente entre os homens em sociedade por meio de suas atuações, verbais e outras.

Este elo entre o Eu e o outro ocorre pro meio das relações “entre o sistema linguístico e o sistema concreto entre os seres humano” (SOBRAL, 2006, p. 81). Em outros termos, essa interação se dá entre os seres humanos por meio da característica única da espécie humana: língua x linguagem. Além disso, esta linguagem é tecida por meio do que Sobral (2006) denomina como “negociação” onde os participantes da comunicação em uma “negociação permanente entre homens e sociedade”.

Partindo desse princípio Bakhtin afirma que a linguagem é um fator social e que ela está em todas as práticas discursivas. Compreende-se aqui que todo enunciado é axiologicamente determinado em função das práticas sociais que o engendram. As escolhas linguísticas feitas e os vocabulários utilizados em cada enunciação estão sempre revestidos de um valor social ideológico que, por vezes, serão até contraditórios em função das intenções do produtor e ou mesmo do canal.

Para Peter (2003, p. 06)

Tudo o que se produz como linguagem ocorre em sociedade, para ser comunicado, e, como tal, constitui uma realidade material que se relaciona com o que lhe é exterior, com o que existe independentemente da linguagem. Como realidade material-organização de sons, palavras, frases - a linguagem é relativamente autônoma; como expressão de emoções, idéias, propósitos, no entanto, ela é orientada pela visão de mundo, pelas injunções da realidade social, histórica e cultural de seu falante.

Assim, Peter (2003) concorda com Bakhtin no fato de a linguagem estar no social e impregnada por fatores exteriores ao sujeito. Dessa forma, o mundo que nos rodeia, na visão Bakhtiniana, está povoado, carregado de vozes construtoras de sentidos. Estas vozes ou discurso são representados através de palavras em forma de enunciados. As vozes de outras pessoas são percebidas em seus posicionamentos individuais e de grupos sociais. Não há neutralidade nas palavras, elas são sempre carregadas de intenções e são sempre ditas a alguém, apresentando neste dizer uma reação responsiva, diante deste processo de interação.

Nessa interatividade, o “eu” está para o “tu”, pois não se pode negar dentro desta alternância que o eu existe na medida em que está relacionado ao tu, “a voz é uma subversão ou uma ruptura da clausura do corpo”. “Mas ela atravessa o limite do

corpo sem rompê-lo; ela significa o lugar de um sujeito que não se reduz à localização pessoal” (BAKHTIN, 1999). O pensamento filosófico Bakhtiniano chama atenção para a alternância do silêncio e do som e, mesmo em face desta natureza, o movimento dialógico não consiste num movimento uni, mas multi com a polissemia discursiva que se reveste de outros valores de acordo com o contexto de uso da linguagem.

Bakhtin (2002) expõe a necessidade de uma abordagem marxista da linguagem e de outras áreas humanas como a pedagogia das línguas e a estilística, estabelecendo a conexão entre linguagem e sociedade para questionar a dialética do signo, enquanto efeito das estruturas sociais.

O silêncio não significa, aqui, passividade de vozes, mas ele traz consigo reações e respostas que são perceptíveis em decorrências circunstanciais. O espaço dialógico dos enunciados, por vezes, cede lugar do som ao silêncio repleto de significações e deixa implícito o não dito. O silêncio exerce tanto poder quanto a palavra dita, falada e explícita. Em decorrência das circunstâncias, o não proferido tem uma carga ideológica que supera o próprio ato de dizer. A voz do silêncio de quem não deixou explícita exerce um poder valorativo sobre a palavra reprimida, subtendida através do e pelo silêncio, mas é através da palavra que se sai do universo subjetivo do não dito, implícito e se passa para um meio mais explícito concreto “Por sua natureza, a palavra é social”. Assim,

O lingüista sente-se mais à vontade quando opera no centro de uma unidade frasal. Quanto mais ele se aproxima das fronteiras do discurso, da enunciação completa, menos segura é a sua posição. Nenhuma das categorias lingüísticas convém à determinação do todo. Com efeito, as categorias lingüísticas, tais como são, só são aplicáveis no interior do território da enunciação. (BAKHTIN, 1999, p. 63)

Assim, esta enunciação realizada pela palavra não é uma coisa, mas o meio eternamente “móvel”, eternamente mutante da comunicação social. A palavra nunca tende a uma só consciência, uma só voz. A vida da palavra consiste em passar de boca em boca, de um contexto a outro, de um coletivo social ao outro, de uma geração para outra geração.

Então, “a forma por excelência de legitimação do discurso é a legitimação da imagem do locutor por meio da resposta a objeções que a ele faria o interlocutor antes mesmo de ouvir ou ler a primeira palavra proferida/escrita” (SOBRAL, 2006, p. 84). Com isso, a palavra não se esquece de seu caminho e não pode se liberar plenamente

daqueles contextos concretos, cuja parte havia formado. Cada “membro de um coletivo de falantes encontra a palavra não como palavra neutra da língua livre de intenções, sem ser povoada de outras vozes (...) não se recebe a palavra a não ser de uma voz alheia e plena voz alheia” (BAKHTIN, 1999, p. 95).

De acordo com Almeida e Silva (2013, p. 120),

Para Bakhtin, a orientação do pensamento filosófico-linguístico não está nem no subjetivismo idealista romântico, nem no objetivismo abstrato estruturalista, já que o primeiro se fundamenta na enunciação monológica da língua, no ato puramente individual como uma expressão da consciência, enquanto o outro, pensado por Saussure, não considera a língua um fato social, mas um objeto abstrato ideal que rejeita as manifestações orais individuais e propõe um sistema abstrato de formas linguísticas. Assim, ele encontra falhas no sistema dicotômico língua–fala/ sincronia–diacronia e postula que a fala é de natureza social, não individual, estando ligada às condições de comunicação presentes nas relações do eu com o outro.

Em *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, Bakhtin e Volochinov (1988) afirmam que a enunciação é de natureza social, por isso produto da interação social. Para Bakhtin e Volochinov a ideologia deve ser tratada na materialidade, nos atos concretos da linguagem, na luta de classes, na interação social. No cerne desta luta de classes, há uma diversidade de significações ideológicas, isto é, pela interação social os signos mantêm-se vivos, trazendo com eles concepções de mundo diferentes, jogo de interesses antagônicos. Isso ajuda a compreender porque não se pode considerar as palavras (signos ideológicos) como um simples reflexo, ou representação da realidade material. Pode-se dizer que, segundo a visão bakhtiniana, todo signo é ideológico e não há, portanto, neutralidade axiológica dos enunciados.

Ainda na ótica de Silva e Almeida (2013, p. 121),

Toda palavra comporta duas faces. Ela é determinada, não pelo significado e pelo significante, mas “pelo fato de que procede de alguém, como pelo fato de que se dirige para alguém.” (BAKHTIN, 2002, p. 113). Apoia-se no outro, serve de ponte entre locutor e interlocutor. Ideológica por natureza, ela segue os atos de compreensão e interpretação da vida humana. Concretiza-se como signo ideológico no fluxo da interação verbal, ganha diferentes significados de acordo com o contexto em que ela surge; por essa razão, a palavra é a revelação de um espaço em os valores fundamentais de uma dada sociedade se explicitam e se confrontam. Dessa forma, o texto põe o locutor e interlocutor frente a frente com o mundo tal qual idealizado e construído por eles, quer seja nos seus

aspectos perversos ou estigmatizados, quer seja na sua dimensão crítica e transformadora da ordem estabelecida.

Na fala dos teóricos russos, “O domínio ideológico coincide com o domínio dos signos que, por sua vez, são mutuamente correspondentes. Ali onde o signo se encontra, encontra-se também o ideológico e tudo o que é ideológico possui um valor semiótico” (BAKHTIN; VOLOCHINOV, 1988, p. 32).

Todo diálogo presume pelo menos dois falantes, mesmo que seja num ato supostamente monológico, pois o locutor tem sempre diante de si um interlocutor, mesmo que viesse a ser outro eu com quem mantém o diálogo de forma imaginária, deixando entrever o encontro do outro de cada um através do signo, na constante dimensão constitutiva da linguagem. A crítica ao objetivismo abstrato avança para uma definição de signo social e ideológico, veículo privilegiado da ideologia, que constitui sentidos no decorrer da interação verbal e no processo das enunciações em todas as esferas de produção, circulação e recepção.

O signo é sempre ideológico não existem, portanto, enunciados despidos ou desprovidos de intenções e sua projeção surge do encadeamento de vozes que possuem também sua postura ideológica. Esta multiplicidade de vozes que se encontram, entrelaçam-se e se configuram dentro do universo polifônico tratado aqui por Bakhtin. Dessa forma,

Um produto ideológico faz parte de uma realidade (natural ou social) como todo corpo físico, instrumento de produção ou produto de consumo; mas, ao contrário destes, ele também reflete e refrata uma outra realidade, que lhe é exterior. Tudo que é ideológico possui um significado e remete a algo situado fora de si mesmo. Em outros termos, tudo que é ideológico é um signo. Sem signos não existe ideologia. Um corpo físico vale por si próprio: não significa nada e coincide inteiramente com sua própria natureza. Neste caso, não se trata de ideologia. (BAKHTIN, 1999, p. 20)

No entanto, esta mesma projeção está sujeita às condições e/ou a canais pelos quais os enunciados foram transmitidos. Isto pressupõe valores por vezes ideológicos. Conforme a perspectiva do círculo de Bakhtin a linguagem deve ser compreendida como lugar do código-ideológico, do Signo Ideológico por excelência, sendo inaceitável desprender a unicidade do meio social imediato de sua constituição. (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2006, p. 70).

Os fragmentos dos discursos do candidato a presidente da República, Aécio Neves, sobre a Lei da Maioridade Penal devem ser compreendidos dentro desta perspectiva do círculo de Bakhtin, considerando esta unicidade social, visto que se trata de um momento em que se vislumbra uma campanha eleitoral onde o tema em questão é divisor de opiniões entre a população. As condições de produção destes enunciados se projetam a partir das intenções do autor com relação ao tema. Também se deve considerar o tom valorativo e emotivo-volitivo dado ao discurso e sua apreciação, uma vez que se trata e que se discute um tema de caráter jurídico numa visão política. Dessa forma, “o sujeito da enunciação não pode nunca ser apagado, anulado, embora só se faça presente na forma de uma imagem, mesmo quando está diante do outro em carne e osso.” (SOBRAL, 2006, p. 84)

Em busca do conceito de Discurso com base na perspectiva dialógica do círculo de Bakhtin, não se pode desconsiderar ou mesmo, deixar de abordar, a princípio, a visão de língua estabelecida pelo círculo. A língua é vista não como sistema de categorias gramaticais e nem como um sistema de formas linguísticas abstratas, conforme Bakhtin afirma, mas ele considera a língua concreta e social, responsável pelas relações comunicativas e interativas.

Em Sobral (2006, p. 94),

O discurso tendencialmente dialógico é aquele que se mostra, nesses mesmos termos, voltado para tornar presentes, assimilativa e/ou refutativamente, as vozes que o constituem; trata-se do discurso voltado para a instauração, mais ou menos explícita, de um concerto de vozes, que naturalmente podem ser dissonantes.

Esta teia de vozes que se refuta no discurso dá lugar ao dialogismo que transformam discursos passados em presente, de modo a assimilá-los, recriá-los, explicitando-os a partir de outros discursos. Assim, a língua enquanto fator social, serve como arcabouço para conduzir estas vozes por meio da palavra, que é polifônica e social.

Partindo deste pressuposto da noção de língua enquanto fenômeno que se manifesta através da interação verbal e responsável pelas relações dialógicas, pode-se dizer que ela é concreta, viva e que somente pode ser compreendida, analisada por meio do discurso. Para Bakhtin (2010. P. 308) o texto, sendo ele oral ou escrito, deve ser base norteadora das análises das disciplinas que compõem as Ciências

Humanas. O texto pode ser observado sob o ponto de vista da língua enquanto parte concreta que compõe um evento único e singular.

Por trás de cada texto está o sistema da linguagem. A esse sistema corresponde no texto tudo o que é repetido e reproduzido e tudo o que pode ser repetido e reproduzido, tudo o que pode ser dado fora de tal texto (o dado). Concomitantemente, porém cada texto (como enunciado) é algo individual, único e singular, e nisso reside todo o seu sentido [...] (BAKHTIN, 2010, p. 309-10)

Bakhtin ressalta a importância do texto enquanto enunciado, expressa seu fascínio pelas formas concretas dos textos e por suas condições de produção concretas na sua inter-relação e interação. (Bakhtin, 2010, p. 319). Deste modo, o texto é a unidade discursiva da língua no contexto de interação verbal e, também, um enunciado carregado de múltiplos sentidos, o qual é reacentuado e resignificado a partir do lugar ou posição ideológica do sujeito. Dessa forma, é o caráter polissêmico da linguagem que permite estes vários significados, atribuídos aos enunciados segundo o lugar de quem fala para o lugar de quem ouve.

O caráter apreciativo dá ao novo enunciado entornos e novos significados que irão oportunizar a composição de outros enunciados e estes sempre trarão consigo a ideologia do grupo social do qual o sujeito faz parte, bem como o tom emotivo-volitivo que será dado a ele neste novo contexto de significação. Desse modo,

No domínio dos signos, isto é, na esfera ideológica, existem diferenças profundas, pois este domínio é, ao mesmo tempo, o da representação, do símbolo religioso, da fórmula científica e da forma jurídica, etc. Cada campo de criatividade ideológica tem seu próprio modo de orientação para a realidade e refrata a realidade à sua própria maneira. Cada campo dispõe de sua própria função no conjunto da vida social. (BAKHTIN, 1999, p. 21)

Neste domínio jaz o princípio da ideologia e das representações simbólicas e tem-se o conceito chave para se considerar a questão do discurso político, na qual a partir do que o sujeito acredita, ele vai aderir ou não ao discurso do candidato. Além disso, para que o candidato em questão consiga adesão ao seu discurso, ele partirá do que este outro - eleitor (Tu) que precisa que o Eu (candidato) diga para que haja, assim, a ressonância entre o eu e o tu. Dito de outra maneira, a relação dialógica por meio das ideologias no discurso político, acontece de acordo com o que o candidato

use em seu discurso, qual a roupagem ele dará à sua voz, de que lugar ele falará, qual o tom proferido, pois quanto mais ele se aproxima com a sua voz e seu tom deste outro mais carente de necessidades este ficará de modo que só aquele (Tu-candidato) poderá suprir. É nesse momento que o discurso valorativo- emotivo entra em cena para dizer o que este outro quer ouvir, com promessas e tom de voz que o faça acreditar e legitimar seu discurso por meio do ideológico, representado, no Brasil, quase sempre por partidos de esquerda e de direita.

Na perspectiva bakhtiniana e do círculo todo enunciado se estabelece através da alternância dos sujeitos, numa relação real e extraverbal com outros enunciados, nas relações dialógicas e responsivas. Estas relações dialógicas entre os enunciados ocorrem de forma complexa e dinâmica no âmbito das relações semânticas de tipo especial:

Os enunciados não são indiferentes entre si nem se bastam cada um a si mesmo; uns conhecem os outros e se refletem mutuamente uns nos outros.[...] Cada enunciado é pleno de ecos e ressonâncias de outros enunciados com os quais está ligado pela identidade da esfera da comunicação discursiva. Cada enunciado deve ser visto antes de tudo como uma resposta aos enunciados precedentes de um determinado campo (concebemos a palavra “resposta” no sentido mais amplo): ela os rejeita, confirma, completa, baseia-se neles, subentende-os como conhecidos, de certo modo os leva em conta. (BAKHTIN, 2010, p. 297)

Os enunciados se entrelaçam e se completam, eles não são isolados, são interdiscursivos e intertextuais. Assim, o enunciado em forma de discurso, enquanto conteúdo linguístico deve ser posto na comunicação verbal a fim de que se torne efetivamente discurso. O discurso sempre está consubstanciado em forma de enunciados pertencentes a um determinado sujeito. Então,

Pode-se dizer que para o Círculo, o sujeito é social de ponta a ponta (a origem do alimento e da lógica da consciência é externa à consciência) e singular de ponta a ponta (os modos como cada consciência responde às suas condições objetivas são sempre singulares, porque cada um é um evento único do Ser). (FARACO, 2003, p.83)

Sendo o sujeito um ser literalmente social no universo das relações dialógicas de interação verbal no eixo comunicativo e ao mesmo tempo único e singular nas suas

posições ideológicas, ele também reflete a posição ideológica do seu grupo social. Isso significa que

O sujeito que enuncia não tem nem pode ter total consciência de todas as vozes que atravessam seu discurso, o que remete à questão do inconsciente, a qual não foi abordada com muita profundidade ou felicidade nos escritos do Círculo como terá oportunidade de expor. (SOBRAL, 2006, p. 95)

A noção de discurso, na abordagem do círculo de Bakhtin, nos remete a compreensão de sujeito constituído por meio de um princípio dialógico de alteridade, que se projeta nas relações estabelecidas entre o outro, eu, o outro, e eu-para-o-outro. É a partir deste princípio que também se estabelecem as relações interpessoais. Um sujeito singular, individual é, concomitantemente, um sujeito social. Faraco (2003, p.83), assegura que o sujeito não se separa de seu caráter único e individual, tal qual seu discurso inserido através da interação da comunicação verbal. Tanto os sujeitos quanto seu discurso possuem este caráter único e individual embora estejam diretamente ligados ao contexto social de produção discursiva.

O lugar simbólico e a alteridade na teoria de Bakhtin estão sujeitas às condições de transmissão e circulação dos enunciados. Numa discussão sobre a PEC 21, que trata da redução da Maioridade Penal, em 2014, ano de eleição presidencial, o candidato Aécio Neves foi indagado acerca da lei que tramitava no Congresso Nacional sobre propositura de seu partido. Mas em decorrência contextual, o período eleitoral, e de transmissão de suas declarações, ele expressa seu posicionamento com relação ao tema deixando evidentes interesses, tanto do ponto de vista partidário, do próprio candidato, quanto do ponto de vista de sua vinculação.

Dessa forma,

O enunciado é um elo na cadeia da comunicação verbal. Tem fronteiras nítidas, determinadas pela alternância dos sujeitos falantes (dos locutores), mas dentro dessas fronteiras, o enunciado, do mesmo modo que, reflete o processo verbal, os enunciados dos outros e, sobretudo, os elos anteriores (às vezes os próximos, mas também os distantes, nas áreas da comunicação cultural). O objeto do discurso de um locutor, seja ele qual for, não é objeto do discurso pela primeira vez neste enunciado, e este locutor não é o primeiro a falar dele. O objeto, por assim dizer, já foi falado, controvertido, esclarecido e julgado de diversas maneiras, é o lugar onde se cruzam, se encontram e se separam diferentes pontos de vista, visões do mundo, tendências. (BAKHTIN, 1999, p.179)

Cada momento da enunciação traz consigo os interesses implícitos nas entrelinhas do próprio discurso. A significação será dada também por meio de vinculação. Sendo assim, para Sobral (2006, p. 96), “Além disso, à luz desses elementos, o horizonte social que Bakhtin leva em conta de modo algum se esgota no interdiscurso ou no contexto imediato, material mesmo, da interação”. A interação enunciativa, seja ela de qualquer natureza, falada, escrita, mediadas pelas mais diversas formas nos espaços sociais midiáticos, os enunciados ou mensagens, será determinada pelos meios a que foram vinculados.

A mediação exerce papel fundamental. É através dela e por seus espaços sociais que os enunciados são determinados. Portanto, “A relação dialógica é uma relação (de sentido) que se estabelece entre enunciados na comunicação verbal”. (BAKHTIN, 1999, p. 193). O teórico continua ainda afirmando que

A língua não é função do sujeito falante, ela é um produto que o indivíduo registra passivamente; ela não supõe nunca premeditação e a reflexão aí só intervém para a atividade de classificação de que nos ocuparemos. A fala é, ao contrário, um ato individual de vontade e de inteligência no interior do qual convém distinguir: primeiramente, as combinações pelas quais o sujeito falante utiliza o código da língua para exprimir seu pensamento pessoal; em segundo lugar, o mecanismo psicofísico que lhe permite exteriorizar estas combinações. (BAKHTIN, 1999, p. 30).

Salientamos, então, que

Os signos estão sujeitos aos critérios de avaliação ideológica, coincidindo o seu domínio com o da ideologia e, por conseguinte, todo produto ideológico tem valor semiótico e, além de refletir e refratar a realidade, tem uma realidade concreta passível de estudo científico. (SOBRAL, 2006, p.97)

Neste sentido, como qualquer outro discurso, o político é impregnado de ideologia e, a partir de interlocutores que compactuam com signos ideológicos, carregado, do tom EMOTIVO-VOLITIVO, vestígios do sujeito enunciativo, candidato Aécio Neves, neste caso. Torna-se, então, necessário traçar um paralelo entre o sujeito do discurso e o sujeito político. Quem é o sujeito do discurso, o sujeito que se apropria da linguagem para expressar num ato individual e singular, permeado pelos

tons volitivos- emotivos e valorativos do seu discurso, em contrapartida ao sujeito político que também se apropria da linguagem no mesmo ato individual e singular com um discurso carregado de tons valorativos, volitivos- emotivos e apreciativos?

É necessário que seja tomada como ponto de partida a concepção de sujeito na visão de Bakhtin para que se chegue a um consenso acerca destes dois sujeitos que se fundem em uma mesma opinião. O cerne das nossas análises localiza-se nos fragmentos dos enunciados, discurso do candidato à presidência da República em 2014, Aécio Neves, sujeito político, e sujeito (autor) do discurso.

O sujeito definido na teoria de Bakhtin é um sujeito dialógico que, assim como a língua, está repleto de discursos de outros sujeitos. É um sujeito constituído de vozes, um sujeito histórico e ideológico. Brait (1999, p. 14)

Afirma que tudo que é dito, tudo que é expresso por um falante, por um enunciadore, não pertence só a ele. Em todo discurso são percebidas vozes, às vezes infinitamente distantes, anônimas, quase impessoais, quase imperceptíveis, assim como as vozes próximas que ecoam simultaneamente no momento da fala. (BRAIT, 1999, p. 14)

O Sujeito se constitui nas relações com os outros sujeitos onde se reproduzem as dinâmicas sociais e as lutas ideológicas de uma dada comunidade, sociedade. Para Bakhtin (1997, p. 317), “nosso próprio pensamento (...) nasce e forma-se em interação e em luta com o pensamento alheio, o que não pode deixar de refletir nas formas de expressão verbal o nosso pensamento.” Sendo assim, o sujeito mesmo em toda sua singularidade não pode ser visto como sujeito autônomo dissociado do contexto de suas relações dialógicas. O sujeito é percebido através de outro que também reflete outro sujeito.

É perfeitamente viável se conceber um sujeito construído a partir do princípio dialógico, por meio da alteridade que se constitui com o outro, em que, concomitantemente, se faz social e individual. De acordo com Faraco (2003), o sujeito não se abstém de ser um sujeito único e singular que participa de um evento também único, singular e irrepetível, conforme assim também o é seu discurso, no universo da interação verbal. Nesse caso,

Pode-se dizer que para o Círculo, o sujeito é social de ponta a ponta (a origem do alimento e da lógica da consciência é externa à consciência) e singular de ponta a ponta (os modos como cada consciência responde às suas condições objetivas são sempre

singulares, porque cada um é um evento único do Ser). (FARACO, 2003, p.83)

Encontra-se no círculo de Bakhtin um sujeito lúcido e clarividente de suas escolhas no instante em que elabora seus enunciados, e é o tom emotivo-volitivo que se define a partir das escolhas linguísticas realizadas. Permeando cada um dos seus enunciados, segundo o próprio autor, “sentimos a intenção de discursiva de discurso ou vontade discursiva do falante, que determina o todo enunciado, o seu volume e suas fronteiras”. (BAKHTIN [1952-1953] 2010, p. 281). Dessa forma, “Os signos são o alimento da consciência individual, a matéria de seu desenvolvimento, e ela reflete sua lógica e suas leis. A lógica da consciência é a lógica da comunicação ideológica, da interação semiótica de um grupo social”. (BAKHTIN, 1999 [1929], p. 23)

Quanto a mim, estou sempre comigo, para mim não poderia haver vida sem mim. Todos esses valores emotivo-volitivos só são possíveis com relação ao outro, e eles dão à sua vida um peso de acontecimento particular que minha própria vida não tem. Não se trata de graus de um valor, mas da natureza das propriedades desse valor. O tom emotivo-volitivo parece contribuir para dar consistência ao outro e particulariza a vivência que tenho do todo da sua vida, dá colorido emocional a esse todo. Em minha vida, os seres nascem, passam e morrem, e a vida/morte deles é muitas vezes o acontecimento mais importante da minha vida, o acontecimento que determina seu conteúdo (o que é o essencial do romanesco na literatura universal). Esse caráter de acontecimento significativo não é concedido à minha própria vida: minha vida é o que engloba, no tempo, a existência do outro. (BAKHTIN, 1997, p. 70)

É exatamente no âmbito desta visão que Bakhtin coloca sobre este sujeito que encontra-se a base para compor o sujeito em questão. Ao passo que produz seu discurso, num ato ou evento singular o permeia de tons emotivo-volitivos de vontade e de escolhas. Este mesmo sujeito singular, único, dialógico, que se funde em um universo próprio, é aquele que expressa sua posição ideológica a partir de seu lugar e grupo social. É o sujeito do discurso e é o sujeito político partidário, que agrega valores ideológicos do seu entender mediante o discurso de outrem.

Assim,

No domínio dos signos, isto é, na esfera ideológica, existem diferenças profundas, pois este domínio é, ao mesmo tempo, o da representação, do símbolo religioso, da fórmula científica e da forma jurídica, etc. Cada campo de criatividade ideológica tem seu próprio modo de

orientação para a realidade e refrata a realidade à sua própria maneira. Cada campo dispõe de sua própria função no conjunto da vida social. (BAKHTIN, 1999, p. 21)

Ademais, assim como este signo é ideológico e carregado de valores, este sujeito que se encontra como interlocutor desse discurso, recepcionando-o, também o é, neste sentido, ele agrega em seu dizer, a vontade e palavras/signos imposta pelo “outro” a partir do seu querer, do seu desejo, das suas vontades. Em outras palavras, a vontade do “eu” – emissor, sujeito –político, se funde com a vontade do querer ouvir, do querer acreditar, da necessidade, do que o “tu” – sujeito-receptor – precisa em relação a este discurso. É nesse sentido que os discursos políticos se legitimam ou não, ganham adesão ou não, a partir do que este “outro” receptor vai aderir ou não aos discursos proferidos pelos candidatos.

Neste contexto, em que dois sujeitos se completam numa dimensão única, o sujeito do discurso e o sujeito político, inseridos neste contexto e nestas categorias, são sujeitos que não se abstêm uns dos outros, mas se confundem, completam-se e não se dissociam um do outro, uma vez que se aglutinam por meio dos signos ideológicos. Estes dois sujeitos compartilham de um mesmo posicionamento que reflete seu grupo social e partidário, eles não se desprendem e não se dispersam um do outro em suas colocações e em seus posicionamentos.

Todos os valores plásticos e picturais - cores, tonalidades, formas, linhas, imagens, gestos, rostos, etc. - se distribuirão entre o mundo das coisas e dos seres, ao passo que eu farei parte dele enquanto depositário *invisível* do que dá colorido emotivo-volitivo a esse mundo e que emana da posição de valores que sou o único a ocupar. Se, com minha atividade, crio o corpo exterior do outro em termos de valores, é graças a essa ótica determinada precisamente pela alteridade do outro, uma ótica que é orientada para a frente de mim mesmo e não é invertível para a minha direção. (BAKHTIN, 1997, p. 67)

O discurso produzido pelo sujeito é permeado de tons emotivo-volitivos e valorativos que denotam a ideologia do grupo social a que o sujeito político faz parte. Substancialmente têm-se dois sujeitos únicos e indissociáveis que se fundem em seus posicionamentos e que são unidos através de um pensamento, reproduzindo o pensamento de seu grupo social. Por fim pode-se afirmar que tanto o sujeito do discurso quanto o sujeito político são o mesmo sujeito e que esta relação de dualidade entre eles só será vista a partir do ponto de vista conceitual e consensual de sujeito.

3. ANÁLISE DO *CORPUS*: O DISCURSO DE AÉCIO NEVES SOBRE A MAIORIDADE PENAL

Este capítulo foi destinado à análise dos enunciados em forma de discursos proferidos pelo Senador Aécio Neves, em dois momentos: durante e após a campanha presidencial de 2014, sobre o projeto de Lei que estabelece Maioridade Penal. Para isso, usaremos como arcabouço teórico a teoria bakhtiniana, além de alicerçar as análises efetuadas sob a óptica de Gil (2009) que afirma que:

Uma análise qualitativa é menos formal do que a análise quantitativa, pois nessa última, seus passos podem ser definidos de maneira relativamente simples. A análise qualitativa depende de muitos fatores, tais como: a natureza dos dados coletados, a extensão da amostra, os instrumentos de pesquisa, e os pressupostos teóricos que nortearam a investigação. (GIL, 2009, p.133)

Para isso, associar-se-á paralelamente ao que Gil chama de análise qualitativa com as teorizações de Bakhtin sobre o discurso, especialmente sobre o tom emotivo-volitivo sobre o discurso. Assim, buscar-se-á compreender o discurso de Aécio Neves a partir do que Bakhtin chama do ato do dizer, lugar este, não de uma palavra, mas de enunciados diversos, com forma diversas, lugar este que o autor do discurso, ao escolher um determinado léxico, busca atingir um dado objetivo, pois a palavra nunca é vazia de sentidos, ela é múltipla, é dinâmica, e, sobretudo, dialógica.

Nas transcrições dos enunciados abaixo se optou por transcrever o discurso sendo fiel a algumas categorias: entonação da voz, aos desvios da norma linguística do Aécio Neves e ao tom valorativo de determinadas expressões.

Dessa forma, para as análises do *corpus* seguiu-se o passo a passo da coleta e escolhas das amostragens, optando por analisar quatro discursos em esferas sociais distintas. Nas duas primeiras encontramos duas esferas jornalísticas que atendem a públicos distintos: na primeira uma entrevista em um programa televisivo popular, como o do Ratinho, em um canal aberto, no Sistema Brasileiro de televisão (SBT), que tem como público a camada popular, em geral, sujeitos que possuem menor poder aquisitivo e baixo grau de escolaridade, consequentemente usam a variedade informal da língua portuguesa e, por este motivo, se identificam com discursos que se aproximam dessa variante. Desse modo, Aécio Neves se utiliza de uma variante informal da língua para tornar seu discurso mais próximo do público.

Sabendo desta especificidade Aécio Neves procurou usar termos mais próximos da variante informal, como gírias, como, por exemplo, “tamujunto”, “a gente tá”, “neh...”, além de usar o tom valorativo como sua marca linguística da campanha para convencer o eleitor a aderir ao seu discurso. As escolhas linguísticas feitas pelo pretense candidato à presidência denotam um discurso sempre com um direcionamento valorativo e de forma expressiva o seu posicionamento com relação ao tema exposto.

Aécio Neves liderava no momento em questão a bancada do PSDB no senado, isso significa dizer que ele apropriou-se do discurso de tal partido e, conseqüentemente, da proposta da Maioridade Penal, defendida por um dos líderes do partido, conforme ele mesmo explica na entrevista. Como isso, se torna evidente que axiologicamente seu discurso reflete a ideologia do grupo ao qual pertence.

3.1 DISCURSO 1: PEC 21 - PROPOSTA DE EMENDA À CONSTITUIÇÃO Nº 21 , DE 2013

Para iniciar as análises dos discursos proferidos pelo Senador Aécio Neves, em 2014, realizar-se-á uma breve apreciação da PEC-21, proposta pelo político de nome Aloisio que ele usa para justificar a proposta da redução da Maioridade Penal. Para isso, confrontar-se-á com a teoria bakhtiniana do discurso de outrem considerando como as vozes se cruzam para construção discursiva.

Assim, na proposta da PEC2 21 proposta pelo senador Alvares Dias, visa-se modificar o artigo 228 da CF, passando a ter a seguinte redação. “Art. 228. São penalmente inimputáveis os menores de quinze anos, sujeitos às normas da legislação especial. (NR)”.

Como justificativa o senador Alvares Dias através de uma busca na história do código penal brasileiro houve momentos em que menores de 14 anos eram punidos, justificando ainda que:

Não verificamos, no direito comparado, a universalidade sobre a inimputabilidade penal dos menores de 18 anos, o que corrobora o não entendimento desse direito como fundamental. Os indivíduos podem ser julgados por crimes mais graves a partir das seguintes

idades em diversos países: México, 6 anos; África do Sul, 7; Escócia, 8; Inglaterra, 10; França, 13; Itália, Japão e Alemanha, 14; e Argentina, 16. Podemos, ainda, tomar como parâmetro a Dinamarca, a Noruega, o Egito, a Suécia e a Finlândia, onde a maioridade penal é fixada aos 15 anos; nesses países, adolescentes entre 15 e 18 anos estão sujeitos a um sistema judicial voltado para os serviços sociais, tendo a prisão como último recurso. (PEC-21, 2013, p.3)

O senador em questão busca respaldo ainda no aumento do número de jovens que cometem delitos, acirrando, assim, a insegurança pública do país e na autorização dada pela CF e pelo STE (Supremo Tribunal Eleitoral) que permite que indivíduos com 16 anos possam votar e trabalhar a partir de 14 anos, como menor aprendiz. Como podemos ver na citação abaixo:

As imagens veiculadas pela mídia, cada vez mais frequentes, há cenários dramáticos de jovens, alguns até no limiar entre a infância e a adolescência, audaciosos, violentos, dispostos a tudo e prontos para qualquer tipo de ato infracional, inclusive a matar gratuitamente. Ademais, tal proposta vem se juntar às atuais normas brasileiras que permitem que o jovem de 16 anos possa votar, o de 14 anos possa trabalhar, ainda que na condição de aprendiz. Todos esses fatos corroboram para a audácia do jovem, que, nos dias de hoje, possui mais conhecimento e acesso aos meios de comunicação e informação do que o jovem de 1940. (PEC-21, 2013, p.3)

Nessa arena discursiva, para Bakhtin,

A comunicação verbal, inseparável das outras formas de comunicação, implica conflitos, relações de dominação e de resistência, adaptação ou resistência à hierarquia, utilização da língua pela classe dominante para reforçar seu poder etc. Na medida em que às diferenças de classe correspondem diferenças de registro ou mesmo de sistema (assim, a língua sagrada dos padres, o "terrorismo verbal" da classe culta etc.), esta relação fica ainda mais evidente; mas Bakhtin se interessa, primeiramente, pelos conflitos no interior de um mesmo sistema. (BAKHTIN, 1999, p.9)

A língua exerce poder de quem fala sobre quem ouve. Ela é dominadora por sua natureza e sempre cumpriu este caráter dominante fascinador. Foi assim ao longo da história da humanidade, povos dominavam outros e isto se caracterizava a partir da imposição da língua, o latim é um grande exemplo de esse poder se efetivar. É plenamente compreensível este poder da língua nas relações discursivas em que o sujeito se apodera de um discurso para compor o seu com finalidades e objetivos que

vão ao encontro do que se pretende. O diálogo entre os discursos coloca em ênfase a pretensão de quem se utiliza do discurso do outro para compor o seu, é uma cadeia discursiva. O senador Álvaro Dias vai trazer do texto histórico da CF, carta magna, subsídios para compor seu discurso, emenda constitucional- PEC21, conforme sua pretensão e é no interdiscurso que o Senador Aécio Neves vai buscar embasar sua proposta de campanha eleitoral para presidente da República, a partir do conteúdo que perpassa suas intenções e seus interesses, convencer de que sua proposta embasada na emenda constitucional é a mais conveniente e eficaz na resolução dos problemas sociais, sobretudo no combate a criminalidade que assola o país.

Ele vai ao encontro da fragilidade do povo, tornando o seu discurso um discurso da massa. As relações dialógicas que são estabelecidas entre os discursos demonstram a apropriação que se faz no uso do discurso de outrem para compor o seu próprio discurso, as múltiplas vozes que ecoam na construção do discurso também denotam o posicionamento ideológico do grupo. Esta multiplicidade de vozes está no plano relacional, em que o eu só se reconhece e se configura como “eu”, verdadeiramente, quando este “eu” se reflete a partir de outros “eus” na esfera dialógica e no entorno ideológico.

Considerando que o momento de interação verbal é também um momento de conflitos de ideias opostas, fica explícito que este confronto se dá no domínio das relações discursivas e dialógicas. Estes textos apresentam contraposições, uma vez que as atuais normas permitem que os jovens a partir dos 16 anos possam votar e que aos 14 possam trabalhar, em condições de aprendiz, o que estaria afirmando sua capacidade de assumir uma conduta de responsabilidade pelos seus atos. Se o código penal considera a inimputabilidade de menores de 18 anos é evidente esta contradição em considerar que estes menores possam assumir responsabilidades como votar e trabalhar, mesmo que em regime de aprendiz.

Esta contraposição é de natureza discursiva e dialógica e acontece no campo destas relações e o acompanhamento de vários pontos de vista, vozes, nas práticas discursivas. É nestas práticas discursivas que a língua cumpre seu papel dominador e persuasivo ao passo que ela também se determina através da ideologia. Ademais, mesmo partindo a palavra do universo individual ideológico, subjetiva do sujeito, “eu para-si”, mesmo assim reflete a ideologia do grupo que se faz através do seu posicionamento e que se concretiza no discurso. O indivíduo é único, porém sociável, ao passo que é individual ele também é coletivo, visto que se integra a um grupo, que

é percebível e compreensível a partir da língua e esta por sua vez é expressa em seus posicionamentos individuais e que, sobretudo, retrata sua coletividade.

Se a língua é determinada pela ideologia, a consciência, portanto o pensamento, a "atividade mental", que são condicionados pela linguagem, são modelados pela ideologia. Contudo, todas estas relações são inter-relações recíprocas, orientadas, é verdade, mas sem excluir uma contra-ação. O psiquismo e a ideologia estão em "interação dialética constante". (BAKHTIN, 1999, p.9)

Assim, pensar em discurso político é refletir sobre o discurso que é construído a luz das necessidades de muitos outros e, dessa forma,

Mas o discurso de outrem constitui mais do que o tema do discurso; ele pode entrar no discurso e na sua construção sintática, por assim dizer, "em pessoa", como uma unidade integral da construção. (BAKHTIN, 2006, p 108)

Desta forma, a identidade subjetiva no plano das relações discursivas é responsável e responsiva. O sujeito é um agente responsável pelos seus atos e responsivo ao outro. Os discursos do candidato Aécio Neves, que serão analisados posteriormente sobre a Maioridade Penal, proferidos em épocas distintas, denotam esta valoração, uma vez que se condicionam a um determinado tempo e em circunstâncias diversas. "enunciadores não são vistos como seres empíricos, mas como um complexo de posições sociais avaliativas" (FARACO, 2006a, p. 71). É esse complexo de posições sociais avaliativas que valoram o discurso conforme sua entonação

Estes outros sujeitos, por sua vez, se encarregam de reelaborar os discursos e reassentá-los conforme sua posição social e ideológica em uma ação responsiva. No fragmento abaixo se tem o discurso do senador Aécio Neves retirado de uma entrevista concedida ao programa do Ratinho da emissora SBT. O discurso demarca o posicionamento do sujeito discursivo que se manifesta através de suas escolhas lexicais (palavras) e que compõem a construção do seu discurso, que também é ideológico.

3.2 ANÁLISE DO DISCURSO EMOTIVO-VOLITIVO DE AÉCIO NEVES EM NOSSO RECORTE TEMPORAL (CORPUS)

Figura 1: Posição de Aécio Neves sobre Maioridade penal no Brasil



Posição de Aécio Neves sobre a Maioridade Penal - Solução Inteligente

Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=zYesDCEhrM4>

TRANSCRIÇÃO

Ratinho: Você é a favor da maioridade penal?

Aécio: Olha só... Essa é a grande discussão hoje!

Ratinho: pra baixar....eh,ehhhh???

Ratinho: Essa é a grande dificuldade de uma chapa, eu sou a favor, já falei, já declarei, eu sou a favor do... do.. projeto do Al-ck- min! Eu sou a favor ...

*Aécio: Ehhh, ehh...a do Alckimin todos nós tamo junto, o que é o projeto do Alckmim...o que é o projeto do Alckimim hoje? Essa que é a grande questão hoje, porque a gente tá vendo que cada vez mais jovens cometendo crime, e cada vez mais os adultos quadrilheiros mesmo, a bandidagem mesmo usando o jovem, então o projeto do, eee o que eh que acontece com o menino commm menos de 18 anos que comete um crime, que mata, que ehhhh...rouba e mata, comete um latrocínio, o que é que acontece com ele? Ele passa 3 anos internado, neh...numa, numa casa do estado aqui...ele respira...**O que é que o Alckimin propõe, e nós apoiamos, o PSDB inteiro apoia que nesses crimes graves esse tempo dele ficar ali retido seja de 8 anos, de 8anos.***

Ratinho:

Seja de três... Seja de 8 anos... Pois não!

Aécio: Eu tô apresentando um projeto agora, semana que vem, vou falar pela primeira vez sobre ele aqui, eu ia falar só semana que vem, eu vou entrar na terça- feira da semana que vem que é o seguinte: adulto que utilizou o jovem , um ...um bando que tem duas, três pessoas , mas que tem ...um,um...

Ratino: Um jovem no meio...

Aécio: mas que tem um jovem no meio triplica a pena e eee ...

Ratinho: Muito baum, isso eh muito baum.... (palmas)

Aécio: num tem atenuante, num tem esse negocio de progressão com um sexto da pena, cê sai fora, num tem mais isso não!

Ratinho: Quadrilha que pegar menor pega ummm triplo da pena

E isso! Como que acontece hoje: Eles, eles assaltam cometem um crime e mata alguém, os, os de maior de idade , os deee acima de 18 anos assumem o crime de roubo e o menor o de roubo e eu vou fazer com que esse crime de quem usou o menor seja mais grave quanto o do assassinato. Terça-feira faço campanha!

Ratinho: Muito baum, eu apoio também, faço campanha aqui no programa para você!.... (palmas)

Fonte:

O enunciado disposto acopla um diálogo estabelecido entra o candidato à presidência Aécio Neves e Carlos Roberto Massa, mais conhecido midiaticamente como Ratinho, apresentador de televisão, humorista brasileiro. As réplicas constroem a modalidade de diálogo face a face, em que é possível perceber os tons emotivo-volitivos das falas de Aécio Neves, o qual está sendo entrevistado.

Quando interrogado, por exemplo, a respeito de ser ou não a favor da maioria penal, Aécio, com interrupções suaves em sua enunciação, afirma que essa será a grande discussão naquele momento. É quando Ratinho entra no assunto do Projeto Alckmin: “*eu sou a favor, já falei, já declarei, eu sou a favor do... do.. projeto do Al-ck- min! Eu sou a favor ...*”

Porém, que se possa chegar à compreensão responsiva ativa do enunciado anteposto, ou seja, para que possamos contrapor o discurso do Aécio com as duas bases discursivas que ele alega apoiar, faz-se necessário compreender a Proposta do Alckmin para redução da Maioridade penal, uma vez que esta encontra-se citada no discurso de Aécio Neves, o qual se utiliza de outras vozes para fundamentar seus posicionamentos.

Assim, abaixo segue uma reportagem retirada da *Folha Uol*, em 02-07-2015, na qual pode-se ter acesso às significações do projeto em questão, que o Aécio afirma se apoiar, e que foi entregue à Câmara após as campanhas presidenciais. É uma matéria em que o Alckmin defende, na Câmara dos deputados, uma proposta de redução de 18 para 16 anos da idade para prisão nos casos de crimes hediondos, ou seja, quando há intenção de ferir/matar/agredir a vítima.

Figura 2: Proposta do Alckmin para redução da Maioridade penal (Entrevista: 02-07-2015)

O governador de São Paulo, Geraldo Alckmin (PSDB), defendeu nesta quinta (2) a [proposta aprovada](#) na madrugada na Câmara dos Deputados, em Brasília, que reduz de 18 para 16 anos a idade para prisão em casos de crimes hediondos como estupro e sequestro, homicídio doloso (com a intenção de matar) e lesão corporal seguida de morte.

Ele afirmou que o projeto de mudança constitucional, aprovado em primeira votação, é "necessário e importante", e que a medida defendida por ele, de alteração no ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente), se complementa ao texto. Ele disse ainda acreditar na aprovação da mudança do ECA pelo Congresso Nacional.

"A mudança [redução da maioridade penal para crimes hediondos] é necessária e importante. Pode ser por proposta de emenda constitucional, como votada ontem [nesta madrugada], ou a mudança do ECA. Ambas são legítimas e necessárias", disse o governador.

O projeto do tucano não prevê alteração constitucional, somente a mudança no ECA para aumentar a internação máxima de três para oito anos –no caso de crimes hediondos e delitos equiparáveis, como o tráfico de drogas–, além da separação dos menores daqueles com mais de 18 anos.

Ad closed by Google

Stop seeing this ad

Why this ad? ⓘ

Ed Ferreira/Folhapress

Fonte: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2015/07/1650707-reducao-da-maioridade-penal-e-legitima-e-necessaria-diz-alckmin.shtml>

A reportagem acima percorrida narra, logo no primeiro parágrafo, a defesa de Geraldo Alckmin acerca da redução da Maioridade penal de 18 para 16 anos. De acordo com o enunciado, Alckmin afirma que o projeto de mudança constitucional é importante e necessário, e além disso, a medida de alteração no ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente) é algo complementar ao texto. Nas palavras de Alckmin, "Pode-se por proposta de emenda constitucional, como votada... ou a mudança no ECA". Aquém de serem necessárias, as medidas são legítimas.

No que respeita às réplicas de Aécio Neves, ao se reportar ao Projeto Alckmin, pode-se notar que o candidato Aécio Neves se apodera de uma linguagem simples e informal para aproximar seu discurso das pessoas que compõem as camadas populares, possíveis telespectadores do programa do Ratinho da emissora SBT. Nesta perspectiva, as escolhas linguísticas feitas pelo sujeito através da utilização de uma linguagem informal favorece a identificação do discurso do candidato com o discurso das camadas populares.

O tom emotivo-volitivo, por parte do enunciador, é estratégico, visando alcançar o seu público ouvinte de forma descontraída e persuasiva. Na perspectiva de Bakhtin,

E mesmo que ele visse o que vejo — se se encontrasse na frente de um espelho, por exemplo —, não teria um enfoque emotivo-volitivo apropriado a essa visão que, em sua consciência, não se situaria como ela se situa na consciência do contemplador. No meu processo de identificação, devo abstrair-me do significado autônomo dos fatos que são transcendentais à consciência do outro e que utilizarei a título de informação, como dispositivo técnico que me permite identificar-me com ele; a expressividade externa abre-me o acesso ao interior do outro, permite-me fundir-me com ele por dentro. Mas será a fusão interna o objetivo principal da atividade estética para a qual a expressividade externa não seria mais que um meio, uma fonte de informação? (BAKHTIN, 1997, p. 29)

É, portanto, o Eu que se reflete no outro, da mesma forma que o “OUTRO” está para o “EU”. Nesta alternância de sujeitos interlocutores, uma vez que, hora sou ouvinte e hora sou locutor, os discursos são reproduzidos e dependendo do lugar de cada sujeito este mesmo discurso pode ser compreendido a partir do lugar de cada uma de forma diferente, lugar de quem fala de sua posição social e o lugar de quem ouve. As palavras se revestem de sentidos e valores não havendo neutralidade no discurso, ele é sempre intencional de uma carga ideológica que ora hibridiza os dois mundos dialógicos. Dessa forma, não existe passividade nesta relação discursiva, estamos sempre reproduzindo discursos.

“num tem atenuante, num tem esse negocio de progressão com um sexto da pena, cê sai fora, num tem mais isso não!” (AÉCIO no programa do Ratinho)

No fragmento acima é evidentemente claro o uso dessa linguagem informal que de modo intencional é usada pelo candidato para se aproximar do seu interlocutor. O vocabulário usado faz parte de suas escolhas linguísticas é o tom emotivo-volitivo expresso a partir destas escolhas.

A variação é inerente à língua e reflete variações sociais; se, efetivamente, a evolução, por um lado, obedece a leis internas (reconstrução analógica, economia), ela é, sobretudo, regida por leis externas, de natureza social. O signo dialético, dinâmico, vivo, opõe-se ao "sinal" inerte que advém da análise da língua como sistema sincrônico abstrato. (BAKHTIN, 1999, p.9/10)

Então, o uso de uma variante da língua atende a tantas finalidades comunicativas e/ ou sociocomunicativas que vão ser determinadas a partir de sua finalidade ou dos objetivos que se pretende atingir. No caso da fala do candidato à presidência da República Aécio Neves no programa do Ratinho da emissora SBT, já que seu objetivo é atingir ao público que assiste ao programa, que é formado pelas camadas populares da sociedade menos prestigiada socialmente. A língua e a sua função social que é comunicar (e nesta perspectiva vista como entidade viva) não se reduz a um conceito de língua enquanto sistema abstrato. E ainda,

De modo algum: para dizer a verdade, a atividade propriamente estética nem sequer começou. Com efeito, vivida internamente, a situação daquele que sofre pode levar a um ato ético — ajuda, reconforto, especulação cognitiva — e, de qualquer modo, após nos termos identificado com o outro, devemos voltar a nós mesmos, recuperar nosso próprio lugar fora daquele que sofre, sendo somente então que o material recolhido com a identificação poderá ser pensado nos planos ético, cognitivo ou estético. Se não houver essa volta a si mesmo, fica-se diante de um fenômeno patológico que consiste em viver a dor alheia como a própria dor, de um fenômeno de contaminação pela dor alheia, e nada mais. A rigor, uma identificação com o outro que acarrete a perda do lugar que somos os únicos a ocupar fora do outro é quase impossível e, em todo caso, totalmente desprovida de utilidade e de sentido. (BAKHTIN, 1997, p. 29)

Essa empatia que faz com que eu me coloque no lugar do outro e sofra sua dor como se fosse a minha própria dor faz do discurso do outro o meu próprio discurso. O mundo está povoado, carregado de vozes de outras pessoas. Estas vozes são representadas por palavras e estas constituem os enunciados e que por sua vez expressão ideologicamente seu pensamento que são percebidos através de posicionamentos individuais e de grupos sociais que se inserem nele constituindo-se e subjetivando-se dialogicamente no agir dos discursos.

A inter-relação que se estabelece entre o discurso do outro assim inserido e o resto do discurso (pessoal) não tem analogia com as relações sintáticas existentes dentro dos limites de um conjunto sintático simples ou complexo, nem tampouco tem analogia com a relação com o objeto do sentido, existente entre os conjuntos sintáticos distintos não vinculados gramaticalmente, dentro dos limites de um único enunciado. (BAKHTIN, 1997, p. 178)

A multiplicidade de vozes que expressam os mais diversos posicionamentos sobre um mesmo tema ou assunto assume o que Bakhtin considera de caráter

polifônico. A polifonia consiste no coro de vozes que ecoam sobre um determinado conteúdo, tema. Assim, pode-se afirmar que a voz enquanto parte integrante do homem ultrapassa seu corpo simbólico deixando desta forma de fazer parte do universo isolado do ser como forma particular e assume uma característica mais externa fundindo-se com outras vozes num universo polifônico ultrapassando as fronteiras da linguagem, como forma geral. Quando se parte do nosso universo particular para o universo do outro, isso é feito porque há identificação com o outro e sendo assim, as vozes do eu e do outro também se confundem, se misturam, se entrelaçam e se singularizam na heterogeneidade que as constitui.

Desta forma,

Quando me identifico com o outro, vivencio *sua* dor precisamente na categoria do *outro*, e a reação que ela suscita em mim não é o grito de dor, e sim a palavra de reconforto e o ato de assistência. Relacionar o que se viveu ao outro é a condição necessária de uma identificação e de um conhecimento produtivo, tanto ético quanto estético. (BAKHTIN, 1997, p. 29)

Portanto, a nossa identificação com o outro se dá a partir da relação estabelecida entre um conteúdo vivido por cada um, como ato individual e particular, único ao conteúdo vivido pelo outro.

A atividade estética propriamente dita começa justamente quando estamos de volta a nos mesmos, quando estamos no nosso próprio lugar, fora da pessoa que sofre, quando damos forma e acabamento ao material recolhido mediante a nossa identificação com o outro, quando o completamos com o que é transcendente à consciência que a pessoa que sofre tem do mundo das coisas, um mundo que desde então se dota de uma nova função, não mais de informação, mas de *acabamento*: a postura do corpo que nos transmitia a sua dor tornou-se um valor puramente plástico, uma expressão que encarna e acaba a dor expressa e num tom emotivo-volitivo que já não é o da dor; o céu azul que o emoldura tornou-se um componente pictural que traz solução à dor. E todos esses valores que acabam a imagem do outro, eu. (BAKHTIN, 1997, p. 29)

O contexto e/ou a situação que envolve os participantes ou interlocutores imediatos são determinantes nas escolhas das formas e do estilo da enunciação. O caráter ideológico da palavra deixa explícita que a voz se encontra localizada onde há um jogo ideológico e dialógico de intenções maquiado pelo processo de interlocução, porém perceptível pelo contexto de produção, o contexto aqui se refere ao momento historicamente constituído pelo debate em plena campanha eleitoral.

Em algumas situações o discurso, mesmo que aparentemente não deixe explícita sua intenção, exerce poder de quem o produz sobre quem ouve, é ideológico, é dominante ao passo que ela também se move e transcende o corpo físico, particular rumo ao espaço de outrem se tornando assim geral. Sai do universo particular e parte para o universo social, discurso de classe é o discurso coletivo. A linguagem é um fator social, ela está em todas as práticas discursivas, compreende-se, aqui, que todo enunciado é axiologicamente determinado em função das práticas sociais que o engendram.

Diante deste contexto em que os interlocutores se encontram postos a um embate de ideias, o diálogo, aqui, pode ser entendido como confronto de ideias, pontos e vista. É lugar de confronto de oposição conforme a ideologia de cada um, e a ideologia de cada sujeito reflete também a ideologia do seu grupo. A ideologia do grupo está explícita no posicionamento, na fala, no discurso do sujeito. Desse modo, cada sujeito expressa sua opinião conforme a opinião de seu grupo, e as relações axiológicas que engendram o discurso estão diretamente associadas ao posicionamento de cada um (inscrito em m grupo social) e este a tudo que é ideológico e que faz parte da nossa vida real.

Figura 3: Aécio Neves - Redução da maioria penal



Aécio Neves - Redução da maioria penal - 10/06/2015

Fonte: https://www.youtube.com/results?search_query=aecio+neves+senado++maior+idade+penal

TRANSCRIÇÃO: []

Aécio Neves: O Brasil acompanha o debate que se dá hoje principalmente na Câmara Federal em relação à questão da maioria, essa é uma discussão da qual participa mais do que quaisquer outras o conjunto as sociedade brasileira.

O Senado Federal a presidente há alguns anos vem debruçando sobre esse tema e depois de um trabalho exaustivo, hummm...liderado pelo Senador Aluizio Nunes apresentou-se na comissão de constituição e justiça dessa casa no ano passado um projeto que restringe a

diminuição da maioria penal aos casos de crimes hediondos e ali estão estabelecidas todas as pré-condições, inclusive a ouvir do Ministério Público da Criança e do Adolescente e obviamente decidido pelo juiz. (pausa)

Houve um recurso Senhor Presidente ao plenário para que este projeto pudesse ser votado ao plenário, o que eu solicito a Vossa Excelência é que o Senado não fique fora da discussão de um tema para o qual se preparou intensamente ao longo de todos esses últimos anos, de tudo que tenho ouvido esta proposta ela pode de alguma forma vir a ser a síntese, venha a ser o ponto de convergência entre tantas propostas disparas que estão sendo discutidas hoje na sociedade brasileira.

*O apelo que faço a Vossa Excelência é que pautem para o plenário esta proposta, este recurso apresentado pelo **Senador Aluísio** e que o Senador se manifeste em relação a essa questão. Nós temos hoje o mais bem acabado e elaborado projeto, eu ousar dizer aquele que defendemos durante a campanha eleitoral, mas que não precisa ter um autor ou um partido... Precisa ser um projeto da sociedade e melhor caminho não há para que seja antes disso o projeto do Senado Federal, Senhor Presidente!*

Fonte:

As falas do Senador Aécio Neves na tribuna do plenário no Senado Federal apresentam agora outra modalidade linguístico-discursiva diferentemente da modalidade encontrada no primeiro momento, analisado no programa do Ratinho da emissora SBT. Seu discurso no senado apresenta uma linguagem formal em decorrência das condições de produção e emergência argumentativa. No programa do Ratinho, por se tratar de um programa popular e por estar em período de campanha eleitoral, Aécio Neves adequa sua fala de acordo com o público ouvinte devido ao fato de se tratar de um programa transmitido em rede aberta de fácil acesso da população e caracteristicamente considerado um programa popular assistido pelas camadas populares.

O candidato, na ocasião, entende que precisa ser compreendido pela população que o assiste naquele momento e que esse entendimento será determinante para suas intenções e para que ele possa desse modo atingir seus objetivos. O discurso no Senado Federal é um discurso formal, pois se trata de um contexto formal de uso da linguagem. O vocabulário usado pelo Senador, não mais candidato, faz parte do vocabulário formal da língua, visto que neste contexto, sua fala não se reporta mais as camadas populares, mas aos seus colegas senadores. Como podemos perceber no fragmento:

*O apelo que faço a Vossa Excelência é que pautem para o plenário esta proposta, este recurso apresentado pelo **Senador Aluísio** e que o Senador se manifeste em relação a essa questão. Nós temos hoje o mais bem acabado e elaborado projeto, eu ousar dizer aquele que defendemos durante a campanha eleitoral, mas que não precisa ter um autor ou um partido...*

Neste discurso, a fala do Senador não mais em tom de campanha eleitoral, não é mais o candidato a presidente, pois agora quem fala é o senador. A entonação do discurso denota o momento histórico e social a qual ele se insere no momento de sua construção. No entanto, seu posicionamento é claro com relação a sua postura ideológica sobre o tema em questão. Suas declarações nos dois momentos denotam sua ideologia em conformidade ao seu grupo social.

Assim,

O ato e a introspecção-confissão são formas através das quais sua postura emotivo-volitiva pode expressar-se no mundo, a partir do interior dele mesmo, sem que venham insinuar-se aí valores que, em princípio, são transcendentais à postura de sua vida (é de dentro de si mesmo que o herói procede ao ato, ao arrependimento, à cognição). De dentro, a vida não pode gerar uma forma esteticamente significativa sem ultrapassar os limites que lhe são próprios, sem deixar de ser ela mesma. (BAKHTIN, 1997, p.51-52)

Segundo a teoria de Bakhtin, todos os atos do sujeito estão sempre carregados de tons emotivo-volitivos sendo assim tanto no pronunciamento do candidato no programa do ratinho quanto seu pronunciamento no senado estão envolvidos pelo tom emotivo-volitivo. Nosso ato e/ou nosso agir é sempre emotivo-volitivo, visto que, estão sempre carregados de entonações e é a apreensão do extralinguístico que é responsável pela compreensão dos enunciados que adentram em todos os momentos contextuais e situacionais é o conhecimento de mundo que é compartilhado pelos falantes.

Ainda segundo Bakhtin pode-se destacar que o momento ativo de atuação de produção do discurso é um ato singular unitário do sujeito e que o tom emotivo-volitivo é uma disposição ativamente responsável desta ação. Ressalta-se, então, que se deve considerar a relação da esfera discursiva e do gênero que está sendo analisado e, neste caso, se trata da esfera jornalística. Dessa forma, para cada esfera há uma determinada estrutura.

Qualquer enunciado considerado isoladamente é, claro, individual, mas cada esfera de utilização da língua elabora seus *tipos relativamente estáveis* de enunciados, sendo isso que denominamos *gêneros do discurso*. A riqueza e a variedade dos gêneros do discurso são infinitas, pois a variedade virtual da atividade humana é inesgotável, e cada esfera dessa atividade comporta um repertório de gêneros do discurso que vai diferenciando-se e ampliando-se à medida que a própria esfera se desenvolve e fica mais complexa. (BAKHTIN, 1997, p. 280)

Mesmo sendo um ato singular e unitário do sujeito o discurso também consiste em um evento social, com esferas discursivas delimitadas e se constitui como acontecimento historicamente real entre as relações dialógicas estabelecidas com o contexto social e com outros discursos. O discurso possui em sua natureza finalidades que não consistem apenas no simples ato de transmitir uma informação ou mesmo um ato comunicativo, ele atende, por sua vez, a outras finalidades que estão localizadas em um universo persuasivo que conduz o outro a aceitar e a acreditar na mensagem que está sendo transmitida.

Nos dois momentos tanto o candidato Aécio quanto o Senador Aécio se utilizam de seu discurso para convencer, no primeiro momento os eleitores e, no segundo momento, o presidente do senado. Dessa forma, a voz de Aécio é “Uma voz criadora sempre pode ser apenas a *segunda* voz no discurso. Apenas a segunda voz — a *relação pura* - pode ser não objetivada até o fim, pode não projetar a sombra da sua imagem, da sua substância.” (BAKHTIN, 1997, p. 188)

Há de convir que mesmo que essa voz seja atravessada, esta segunda voz, tem muito do eu, e pertence a ele- ao Eu, pois, conforme Bakhtin (1997).

Com isso, minha própria palavra se torna objeto e adquire uma segunda voz — a voz que me pertence pessoalmente. E essa segunda voz, desde então, deixa de projetar uma sombra (vinda de mim) pois expressa uma relação pura, ao passo que toda a substância objetivante, materializante da palavra é entregue à primeira voz. (BAKHTIN, 1997, p. 338)

Assim, essa voz atravessada de outros “eus”, sobretudo, desse “eu’-segundo - que fala e atua em seu discurso, se dirige para um “tu”, em que ele - o Aécio- faz de seu discurso individual um discurso coletivo, colocando suas palavras como sendo também as palavras do outro, é um discurso plural e essa multiplicidade de vozes que expressam os mais diversos posicionamentos sobre um mesmo tema ou assunto, caracterizando o que Bakhtin considera de caráter polifônico.

Os valores e as relações de conteúdo e de sentido estão submetidos aos momentos enunciativos, ao contexto, ao espaço-tempo, são justificados por cada escolha linguística e tudo isso consiste em ato volitivo de vontade de cada um, cumprindo, assim, suas finalidades e intenções enquanto ato emotivo-volitivo que envolve a relação do eu e do outro e do eu para o outro.

Na fala do senador ele deixa evidente que aquele discurso não pertence a um partido, não é um discurso partidário, mas ele pertence ao conjunto que integra a sociedade brasileira. Diante de tal afirmação entendemos que este discurso se projeta em um espaço ideológico de alteridade entre o eu (senador) e o outro (sociedade). Apropria-se, assim, do discurso do outro para construir o próprio discurso. É nas relações dialógicas que os discursos são partilhados e reacentuados, permitindo a produção de outros discursos e da interdiscursividade entre eles. Mesmo sendo o sujeito um ser singular, ele não está desassociado das relações sociais de interação e de interlocução. Cada ato singular de produção do discurso se manifesta em uma situação real e num contexto real, e é o resultado de vozes sociais que são projetadas através das palavras produzidas por cada sujeito.

Desse modo, pode-se afirmar que segundo a teoria de Bakhtin do dialogismo que, o contexto real e a situação real podem ser externos ao ser individual, no entanto, é nesse momento que ele manifesta seu desejo e suas vontades. Existe uma relação muito consistente entre o que se considera externo e o que se considera interno, eles estão sempre vinculados através da relação que estabelecida consigo mesmo e com o universo à sua volta, com o outro. São as relações interpessoais que permitem essa aproximação.

Sendo assim,

Meu corpo interior — por fazer parte da minha autoconsciência — oferece um conjunto de sensações orgânicas internas, de necessidades e de desejos reunidos ao redor de um centro interior: o que é exterior é registrado de forma fragmentária, não alcança autonomia e pertence à minha unidade interna por intermédio de um equivalente interno. Não posso reagir de modo imediato ao meu corpo exterior: o tom emotivo-volitivo daquilo que se relaciona com meu corpo está sempre vinculado às possibilidades e aos seus estados internos —dor, prazer, paixão, satisfação, etc. Posso amar meu próprio corpo, sentir por ele algo como ternura, mas isso apenas significa o desejo constante que tenho dos estados e das emoções que se realizam através do meu corpo, e esse amor nada tem em comum com o amor que tenho pela exterioridade individualizada do outro. (BAKHTIN, 1997, p. 40)

Conforme citação, a não reação imediata ao que é externo está sempre relacionado ao interior do sujeito.

Aécio Neves: *“O Brasil acompanha o debate que se dá hoje principalmente na câmara federal em relação a questão da maioria, essa é uma discussão da qual participa mais do que quaisquer outras o conjunto da sociedade brasileira”.*

Analisado este enunciado, sob o ponto de vista apreciativo, pode-se afirmar que este fragmento retirado de uma entrevista concedida pelo então pré-candidato à presidência da República Aécio Neves possui seu caráter apreciativo uma vez que condiz com o momento em que o país está voltado para a discussão da lei que se encontra em tramitação no Congresso Federal sob a propositura do próprio partido do referido candidato que pede a redução da Maioridade Penal.

Este é um tema bastante delicado pela sua própria natureza, pois requer reformulações no Estatuto da Criança e do adolescente (ECA) e também divide opiniões em um país vésperas a uma campanha eleitoral. A fala do candidato entoa como se seu discurso fosse parte de outros discursos, de outros sujeitos (povo, nação, eleitores), o discurso é dele, mas também é do outro, que de modo responsivo se coloca na posição de reelaboração e reacentuação do discurso. São interlocutores, que ocupam espaços diferentes de emissão e de recepção e é nessa alteridade que se estabelece nas relações interpessoais, que o eu e o outro se projetam e agem dialogicamente.

O Senador Aécio Neves em seu discurso na tribuna do Senado Federal esboça seu posicionamento com relação à redução da menoridade penal conforme pode ser notado no fragmento abaixo:

Aécio Neves: *O Brasil acompanha o debate que se dá hoje principalmente na câmara federal em relação a questão da maioria, essa é uma discussão da qual participa mais do que quaisquer outras o conjunto da sociedade brasileira. O apelo que faço a Vossa Excelência é que paute para o plenário esta proposta, este recurso apresentado pelo Senador Aluísio e que o Senador se manifeste em relação a essa questão. Nós temos hoje o mais bem acabado e elaborado projeto, eu ousa dizer aquele que defendemos durante a campanha eleitoral, mas que não precisa ter um autor ou um partido, precisa ser um projeto da sociedade e melhor caminho não há para que seja antes disso o projeto do Senado Federal, Senhor Presidente!*

Veja este fragmento de uma entrevista concedida pelo candidato a presidência Aécio Neves no período pré-campanha eleitoral 2014 ao programa do Ratinho da emissora SBT e analisada no tópico 1 desse capítulo. Retomaremos ele, aqui, para compará-lo ao discurso, o lugar social e o tom EMOTIVO-VOLITIVO utilizado nos dois momentos: entrevista no SBT e o discurso na Tribuna do Senado.

Fragmento 1 da entrevista do SBT

Aécio Neves: *E isso! Como que acontece hoje: Eles, eles assaltam cometem um crime e mata alguém, os, os de maior de idade, os de acima de 18 anos assumem o crime de roubo e o menor o de roubo e eu vou fazer com que esse crime de quem usou o menor seja mais grave quanto o do assassinato. Terça-feira faço campanha!"*

Fragmento 2 – Tribuna do Senado

Aécio Neves: *O Brasil acompanha o debate que se dá hoje principalmente na câmara federal em relação à questão da maioria, essa é uma discussão da qual participa mais do que quaisquer outras o conjunto da sociedade brasileira.*

Pode ser observado como o candidato aborda o tema durante o período anterior ao pleito de 2014, a valoração do tema abordado para a questão da segurança do país em relação à tramitação da Lei da Maioridade Penal. Enfatiza ao final que fará campanha, diante do contexto este “**faço campanha**” que pode ser visto por duas esferas ideológicas, a primeira que fará campanha eleitoral, segundo, fará campanha para aprovação da Lei. Axiologicamente ele expressa o tema como sendo fundamental para sua proposta de campanha. Em um segundo momento, agora não mais candidato à presidência da república, agora na plenária do senado, o então senador aborda o mesmo tema em contexto diferente ao do primeiro.

Assim, em Bakhtin temos:

Do fato de eu importar-me comigo da mesma forma que me importo com o outro que amo, não decorre que minha relação emotivo-volitiva comigo mesmo seja da mesma natureza de minha relação com o outro, ou seja, que me amo enquanto outro: o tom emotivo-volitivo que, em ambos os casos, leva a uma ação idêntica — importar-se com — é radicalmente diferente. Não se pode amar ao próximo como a si mesmo, ou, mais exatamente, não se conseguiria *amar* a si mesmo como se ama ao próximo, apenas se pode transferir o conjunto dos

atos que, normalmente, são realizados em benefício de si mesmo. O direito e a moral jurídica não se estendem à minha reação emotivo-volitiva interna e exigem somente que certo número de atos exteriores, realizados em meu próprio benefício o sejam igualmente em benefício de outrem. (BAKHTIN, 1997, p. 40)

É evidente a apropriação do discurso do outro por parte do senador para atingir seus objetivos pessoais e individuais. Ser eleito presidente da república faz parte desses objetivos pessoais. Ele utiliza este discurso em seu favor para atingir seus interesses e, assim, alcançar a expectativa vitória.

Se forem comparados os dois discursos ao texto da PEC 21, proposta pelo Senador Alvaro Dias pode-se perceber que o Candidato Aécio Nves se apropria do discurso de outrem para utilizá-lo em seu discurso, reconstruindo seu discurso a partir do discurso do outro.

Figura 4: Entrevista a Uol- Folha



Aécio Neves no UOL - Maioridade Penal

Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=2TbnLI4swc4>

Transcrição [0:59''] “eu apoiarei a proposta do **senador Aluisio Nunes** em que se solicitado pelo ministério público da criança e do adolescente, o juiz pode solicitar que em casos gravíssimos ou reincidência de casos graves... os tampinhas da vidas, um jovem **que de 16 anos matou a namorada e pôs as fotos na internet, como se isso fosse um grande feito, se autorizados pelo juiz e solicitado pelo Ministério Público, ele possa responder pelo código penal...estou falando de 2% dos crimes violentos, reincidentes cometidos por adolescentes entre 16 a 18 anos de idades, isso vem crescendo ao longo do tempo... deixar como estar? Não acho adequado, não estou acabando com a maioridade penal.. ela**

existe e continuará existindo para 98% dos casos, mas existem casos extremamente graves que precisam ser enfrentados com a gravidade devida.”

Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=2TbnLI4swc4>

O posicionamento do senador transcorre no plano das relações interdiscursivas em que ele coloca o discurso de outrem, desta vez do presidente do seu partido, Aluísio Nunes, equivocadamente como autor da PEC, uma vez que, como já mencionamos, ela é de autoria do Alvares Diaz, como pode ser conferido, no anexo deste trabalho. Ao longo de toda trajetória discursiva do senador Aécio Neves demonstra-se que seu discurso sempre está respaldado no discurso do outro e sempre buscando atingir seus objetivos tomando como base os anseios da população que almeja segurança pública.

É certamente na fragilidade do outro que ele compõe seu discurso emotivo-volitivo quando assume a dor do outro como sendo a sua própria dor, porém os sentimentos que eu tenho pelo outro não são iguais ao sentimento que sinto por mim. Todavia, o ato de dizer e o conteúdo expresso são envolvidos por entonações avaliativas e esta ação é responsável e responsiva.

Sendo assim, em Bakhtin,

Há uma diferença qualitativa entre meus sofrimentos, meus temores, minhas alegrias e os sofrimentos, os temores e as alegrias que sinto pelo outro. Daí a distinção de princípio que aparece na classificação moral desses sentimentos. O egoísta age *como* se seus atos emanassem do amor que tem por si mesmo, ora, é claro que ele não vive nada que se assemelhe ao amor ou à ternura para consigo mesmo pelo próprio fato de não conhecer esses sentimentos. O instinto de conservação prende-se a um escopo emotivo-volitivo frio e duro que não comporta o menor elemento de caridade-misericórdia ou de estética. O valor da minha pessoa exterior, em seu todo (e, principalmente, meu corpo exterior, o único ponto que nos interessa aqui) não passa de um valor de empréstimo que estrutura, mas não vivo de maneira imediata. (BAKHTIN, 1997, p. 41)

A relação subjetiva emocionalmente valorativa do falante com o conteúdo do objeto e do sentido do seu enunciado é um ato volitivo em cada evento e existe uma relação de alternância entre os sujeitos que compõem o contexto dos enunciados. Desse modo, pode-se afirmar que é a interlocução que permite esta alternância entre esses sujeitos num dado momento discursivo. Ainda pode-se afirmar que um

enunciado neutro é impossível, visto que sempre haverá intenções de quem o produz, nele vai estar sempre presente, ainda que de forma implícita ou mesmo explícita, seus objetivos, suas intenções e suas finalidades e que a valorização dos enunciados, o que se dá na relação entre quem fala e seu objeto de discurso sobre quem ouve. Desta maneira, esta relação também será determinada pelas escolhas dos registros linguísticos por ele (autor) determinado seu querer ligado ao ato de dizer.

Este ato está intimamente relacionado ao “evento” social de multiplicidade linguística, carregada de elementos extralinguísticos circunstanciais que permite reconhecer suas intenções, sobretudo no que foi dito e o que deixou de ser dito, mas pode-se identificar nas entrelinhas do mesmo. O discurso enquanto evento social se constitui como acontecimento historicamente real entre as relações dialógicas que estabelece com o contexto social e com outros discursos.

Os valores e as relações de conteúdo e de sentido são submetidas aos momentos em que contexto de espaço-tempo são justificados por cada uma de nossas escolhas que consistem em ato volitivo de vontade de cada um, cumprindo, assim, suas finalidades e intenções enquanto ato EMOTIVO-VOLITIVO que envolve a relação do eu, o outro, e eu para o outro.

Quando Bakhtin afirma que o enunciado vivo é ativamente responsivo, entende-se que se produz discurso a partir da compreensão de outro discurso e é aí que está a responsividade. Não existe passividade nesta relação discursiva, está-se sempre reproduzindo discursos a partir de outros discursos. É diante desse processo construtivo do interdiscurso que alternam os sujeitos e interlocutores, uma vez que se alternam os papéis como ouvinte ou como interlocutor, podendo-se ocupar ambos, alternadamente no discurso. Os discursos são reproduzidos e dependendo do lugar de cada sujeito este mesmo discurso pode ser compreendido a partir do lugar de cada um de forma diferente, lugar de quem fala de sua posição social e o lugar de quem ouve.

Em *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, Bakhtin e Volochinov (1986) afirmam que a enunciação é de natureza social e, por isso, produto da interação social. O conteúdo ideológico deve ser tratado na materialidade, nos atos concretos da linguagem, na luta de classes, na interação social. No cerne desta luta de classes há uma diversidade de significações ideológicas, isto é, pela interação social os signos mantêm-se vivos, trazendo com eles concepções de mundo diferentes, jogo de interesses antagônicos. Isso nos ajuda a compreender porque não se podem

considerar as palavras (signos ideológicos) como um simples reflexo ou como representação da realidade material.

Ainda assim,

Assim como posso tender, de maneira imediata, à minha preservação, ao meu bem estar, defender minha vida a qualquer preço, até mesmo aspirar ao poder e à submissão dos outros, ao passo que não posso viver-me de maneira imediata, enquanto pessoa jurídica, pelo próprio fato de que a pessoa jurídica nada mais significa senão a segurança de ser reconhecido pelos outros, uma segurança que vivo como uma obrigação que lhes compete (uma coisa é defender, por vias de fato, a própria vida contra a agressão — isso, os animais também fazem — , outra é viver o *direito* à vida, à segurança e à obrigação que os outros têm de respeitar esse direito) — do mesmo modo, a vivência interna do meu corpo se distingue de um reconhecimento de seu valor externo pelos outros e de meu direito a ser aceito e amado pelos outros através da minha exterioridade. (BAKHTIN, 1997, p. 41)

Os sujeitos trazem em seus discursos marcas linguísticas e palavras revestidas de tons que se manifestam de forma valorativa e apreciativa de modo que é neste contexto discursivo de apreciação e de valoração atribuídos tanto pelo agente quanto pelo outro nas relações dialógicas que vão sendo estes mesmos discursos/enunciados reelaborados e reacentuados de tons. As palavras são assimiladas de forma responsiva por cada sujeito num dado contexto social e sendo assim estas irão motivar outros discursos ou outras palavras.

Quando reacentuadas estas mesmas palavras ganham outros sentidos, estes outros vão se dá a partir do lugar de quem produz o discurso, sua ideologia, crenças, costumes, enfim de tudo que compõe este sujeito e o lugar de que quem ouve, seus conceitos sua posição social e ideológica e tudo isso se estabelece a partir de uma atmosfera que se projeta a través das relações interpessoais e é nestas relações que os sujeitos relacionam-se consigo mesmo se constituem e se definem com os outros, tornando-se fundamental esta aproximação consigo e com o outro, pois precisamos interagir e estabelecer relações, primeiramente conosco para depois estabelecermos relações com o outro. Neste interagir múltiplo, eu comigo, eu com o outro, darão origem a outras vozes que se entrelaçarão e farão parte do universo polifônico de multiplicidade em que também terá sua constituição e definição diante de um contexto interativo num dado espaço ideológico de alteridade entre o eu e o outro.

É através das relações dialógicas que os discursos são partilhados e mesmo sendo o sujeito um ser singular e único ele se integra e é parte da esfera social, portanto ele é singular único e ao mesmo tempo coletivo porque ele representa a coletividade ou seu grupo. Cada ato singular de produção do discurso se manifesta em uma situação real, vivida e num contexto também real e é o resultado da multiplicação de vozes sociais que são projetadas através das palavras produzidas por cada sujeito.

Figura 5: Transcrição da entrevista no programa Roda Viva



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=qG9Emmi7qwc>

Senador, um assunto que o separa do Eduardo (Campos) até onde vai essa redução que o senhor defende?

Transcrição 3: tempo- [1' 25"] “Primeiro lugar eu não sou contra a redução da maioria penal, eu sou a favor de um projeto do Geraldo Alkmin,... que permite que um jovem de 17 anos que deu um tiro na namorada e postou na internet, dizendo que hum ano depois ele estaria solto... nesses casos gravíssimos o MPU da criança e da adolescência poderá vir por parte do juiz a decretação do cumprimento da pena, com base do código penal e não apenas 3 anos, que é o tempo máximo do jovem nessas casas de retenção, portanto, acho que é um passo para uma discussão que é do nosso tempo, mas fundamentalmente na questão da segurança pública... eu defenderei e apresentarei uma política nacional de segurança com reforma no código penal [...]

Percebe-se ao longo dos discursos que há sempre a presença do discurso do outro respaldando, reacentuado e neste haverão sempre de serem preenchidos de

3 Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=qG9Emmi7qwc>

tons emotivo-volitivos e valorativos assim com também estes serão reelaborados sob um novo olhar apreciativo. Neste fragmento do discurso do Senador fica evidente sua posição ou postura ideológica com relação ao tema em debate. Apesar de o senador deixar claro ao longo de seus discursos a sua proposta de reformulação do código penal, não o faz apenas respaldado no texto do propositor da emenda constitucional Álvaro Dias, o que de certo modo pode produzir um efeito de confusão em seu discurso.

Em um de seus pronunciamentos cita o presidente do seu partido, senador Aluísio Nunes, como propositor, em outro momento cita Geraldo Alckmim que também é membro de seu partido de base (PSDB), mas não se afasta dos seus princípios ideológicos uma vez que todos os citados comungam da mesma ideologia. Outrossim, cada momento em que cita um membro como propositor ele transfere seus anseios e se coloca no lugar de outro sujeito, busca sua dor na dor do outro, o que pode ser mencionado que acontece, de acordo com a teoria de Bakhtin, devido à alteridade que ocorre entre eles, já que quando o sujeito se coloca no lugar do outro procura sentir seus mesmos sentimentos de alegria ou de dor. Daí, ao construir um discurso nesta posição de alteridade que compartilha com o outro a palavra e ou o discurso não são mais exclusivamente deste sujeito, pois também pertencem ao outro e, diante desta perspectiva, os discursos se fundem e se confundem dando lugar a outros discursos a partir de outros discursos. A valoração será intimamente explícita no momento da reprodução também o será preenchido de tons emotivo-volitivo.

Assim em Bakhtin,

Todos os valores plásticos e picturais - cores, tonalidades, formas, linhas, imagens, gestos, rostos, etc. - se distribuirão entre o mundo das coisas e dos seres, ao passo que eu farei parte dele enquanto depositário *invisível* do que dá colorido emotivo-volitivo a esse mundo e que emana da posição de valores que sou o único a ocupar. Se, com minha atividade, crio o corpo exterior do outro em termos de valores, é graças a essa ótica determinada precisamente pela alteridade do outro, uma ótica que é orientada para a frente de mim mesmo e não é invertível para a minha direção. (BAKHTIN, 1997, p. 67)

Todos os atos do sujeito estão sempre carregados de tons emotivo-volitivos e cada evento ou ato singular é caracterizado por uma matriz valorativa e este tom valorativo, volitivo e apreciativo do discurso determinam o sujeito e seu discurso. Os fragmentos dos discursos do candidato à presidência da República Aécio Neves sobre

a Lei da Maioridade Penal devem ser compreendidos considerando-se a unicidade social e ao seu contexto real, uma vez que se trata de um momento em que se vislumbram uma campanha eleitoral e que o tema em questão é divisor de opiniões entre a população. Também se deve observar o tom valorativo e volitivo do discurso e sua apreciação considerando que se trata de um tema de caráter jurídico, mudança de uma lei que incide na reforma do código penal brasileiro, vista por uma perspectiva política.

Os enunciadores são reais em contextos e situações também reais, os posicionamentos admitidos são revestidos axiologicamente e ideologicamente refletindo o universo no qual o sujeito se insere politicamente. O momento realizador dar-se-á de maneira idealizada pelo agente ativo e está diretamente associado ao contexto real de sua experiência vivida e a um acontecimento histórico também real. É uma atitude responsável e racional visto, pois, que é um ato realizador consciente do sujeito ativo. A esse caráter emotivo-volitivo dar-se-á experiência vivida formada ou constituída por atos concretos e atitudes que assumimos no dado contexto real.

A atitude volitivo-emotiva é de vontade criadora que o indivíduo assume numa relação com ele mesmo inserida em uma realidade concreta de suas experiências vividas. É essa realidade concreta que define a atitude emotivo-volitiva do sujeito e determina a construção de seus enunciados (discursos) de maneira que é nessa vontade criadora posta em cada momento enunciativo que ele faz suas escolhas linguísticas que são projetadas no universo extralinguístico de cada sujeito.

Na criação verbal, esse aspecto não alcança uma perfeição externa visual (na representação), mas equivalentes emotivo-volitivos de uma representação visual correspondem a esse todo plástico-pictural extra-significante (não levamos em conta aqui as combinações que aliam as modalidades picturais, gráficas e plásticas). (BAKHTIN, 1997, p. 67)

Contudo é no processo de criação que o sujeito se representa e representa seu mundo ou universo social. O mundo é representado através da palavra que é expressa de forma responsável, responsiva e consciente. O conteúdo expresso é sempre conciliado pelo agir posicionado e avaliativo do sujeito, que lhe atribui sentido, a partir do mundo real e concreto, este por sua vez não é a algo aleatório, é consciente, ele é pensado, não é “impenetrável” visto que ele é introduzido num pensar que é emotivo-volitivo.

Os enunciados são a materialização do discurso, que por sua vez são concretos e irrepetíveis historicamente. A unicidade do enunciado o faz irrepetível, porque cada enunciado é construído em um evento único que se realiza em um ato singular que também é único, mas ele será preenchido de novos entornos de novos sentidos, de valoração e tons emotivo-volitivos. O tom emotivo-volitivo não está somente para o conteúdo, mas também para a relação existente entre o sujeito e o que ele diz no seu ato enunciativo, que propõe entonação que se estabelece na relação entre o enunciado e a situação histórica social, ou sua historicidade.

Assim, “O tom emotivo-volitivo parece contribuir para dar consistência ao outro particulariza a vivência que tenho do todo da sua vida, dá colorido emocional a esse todo”. (BAKHTIN, 1997, p. 70)

Todo enunciado consiste em um ato vivido, concreto e também é um ato emotivo-volitivo, pois são cruzados de tons incorporados pelo conteúdo e pelo momento enunciativo. Os atos enunciativos são resultado das relações humanas com a linguagem e, desse modo, não há como os desprende-los da vida e do contexto histórico. O conteúdo vivido é parte dos fenômenos socioideológicos, ele é carregado de um tom emotivo-volitivo. Mesmo estando relacionado ao evento singular o conteúdo é parte das relações dialógicas e sendo parte destas trata-se de fenômenos sociais.

Evidentemente, desta forma pode-se dizer que todo ato singular é guiado pelo tom emotivo-volitivo que se manifesta através de uma ação vivida e de uma experiência também vivida pelo sujeito em um dado contexto sociohistórico de natureza ideológica que consiste em um ato singular do sujeito. Tal sujeito, embriagado pelo social, é um ser ideológico e reflete a ideologia do grupo cuja valoração dada é determinada por uma atitude responsiva dos sujeitos que se constituem em um dado momento histórico e pela relação dialógica constituída entre o enunciado (discurso) e a situação vivida.

A situação motiva o sentido ou os vários sentidos que este enunciado pode assumir e também está exposta à apreciação dos sujeitos que, envolvidos ou não, no contexto enunciativo darão o tom apreciativo e a valoração conforme a ideologia do grupo do qual fazem parte. O tom emotivo-volitivo será manifestado também a partir do posicionamento do sujeito com relação ao conteúdo enunciativo exposto e este posicionamento denota, sobretudo, o posicionamento do grupo social ao qual o sujeito pertence que, por sua vez, é de caráter ideológico.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto neste trabalho, pode-se afirmar que o discurso é produzido em determinadas circunstâncias e o contexto sociocultural está impregnado pela ideologia do grupo que se projeta em um dado momento histórico. O discurso é a ponte entre os indivíduos constituídos socialmente e é através dele que os sujeitos se definem um em relação ao outro dentro de um espaço dialógico de interlocução. Os enunciados aqui definidos como discurso possuem duas dimensões que se revelam

a partir das posições onde se edifica cada interlocutor e, por isso, trata-se de considerar a minha posição ideológica frente às convicções do outro.

O caráter ideológico da palavra deixa explícito que a voz se encontra localizada onde há um jogo ideológico e dialógico de intenções maquiado pelo processo de interlocução, porém perceptível pelo contexto de produção. A palavra exerce poder de quem a produz sobre quem ouve, é ideológica, é dominante ao passo que ela se move e transcende o corpo físico, particular rumo ao espaço de outrem se tornando geral e, desta forma, sendo todo signo ideológico materializado através da linguagem o discurso é o objeto desta materialização.

A palavra não nasce no vácuo, ela é carregada de sentidos e direcionamentos e, não havendo neutralidade no discurso, ele é sempre intencional de uma carga ideológica que caracteriza a heterogeneidade dos mundos dialógicos. O diálogo pode ser entendido como confronto de ideias e pontos de vista e não apenas consenso como é percebido no senso comum. O discurso multifacetado revelado pelas posições do autor, produtor traz à tona as várias faces do sujeito e que o enunciado pode admitir dentro do aspecto axiológico que engendra no ato enunciativo.

Assim, é através da linguagem que se estabelece a comunicação entre os indivíduos socialmente constituídos e esta por sua vez consiste em um fator social que se concretiza nas práticas discursivas que podem atribuir conotações em função das suas intenções nas práticas sociais discursivas. Não há como desprezar o caráter conotativo dos enunciados partindo do princípio que os efeitos de sentido são definidos através dos sujeitos, interlocutores, participantes ativos diretos ou por vezes indiretos inseridos em um universo unitário, particular e dialógico.

O princípio da teoria dialógica Bakhtiniana constrói sua concepção de linguagem a partir de situações concretas, experiências vividas, com base nos discursos do cotidiano, artísticos, filosóficos, científicos e intelectuais. As relações dialógicas são o modo de funcionamento real da linguagem visto que a linguagem unicamente possui vida a partir da comunicação dialógica e, sendo assim, a concepção de linguagem, partindo desse princípio, representa-se como uma forma de rejeição a qualquer forma acabada de tratar as questões da língua.

O enunciado concreto, vivo é ativamente responsivo, pois quando produzimos discursos a partir da compreensão de outro discurso dar-se-á a responsividade. Não existe passividade nesta relação discursiva, ela é dialógica e apreciativa, estamos sempre reproduzindo discursos a partir da apreciação que fazemos dele e é neste

jogo de alternância entre os sujeitos interlocutores, uma vez que ora sou ouvinte, ora sou agente da ação, os discursos são reproduzidos e dependendo do lugar de cada sujeito este mesmo discurso pode ser compreendido tendo com base o lugar de cada um de forma diferente, considerando-se o lugar de quem fala de sua posição social e o lugar de quem ouve.

Dessa forma, ao pensarmos sobre uma translinguística, ou uma linguística que está para além do veículo estrutural, trata-se de ir além do dito, é buscar compreender o universo de produção do discurso e como este é dialógico. O dizível ao ser vinculado por outrem fica exposto às interpretações que não são as mesmas desde o momento de enunciação. O contexto enunciativo está tanto para quem diz quanto para quem ouve. A ideologia está, desse modo, implícita pelo canal ao qual foram vinculados os enunciados, discursos, voz.

As palavras são compreendidas em uma posição responsiva por cada sujeito envolvido num dado contexto social e, sendo assim, também serão reelaboradas o que dará origem a outros discursos ou a outras palavras. Quando reacentuadas, estas mesmas palavras ganham outros sentidos e se revestem de tons valorativos. Estes outros sentidos vão se dar a partir do lugar de quem produz o discurso, da posição social e ideológica e do lugar de quem ouve e tudo isso se estabelece a partir de uma atmosfera que se projeta através das relações interpessoais. É nas relações interpessoais que os sujeitos se relacionam consigo mesmo e com os outros, visto que primeiro é necessário interagir e estabelecer relações consigo mesmo para depois estabelecermos relações com o outro.

Todos os atos praticados pelo sujeito são sempre preenchidos de tons emotivo-volitivos e cada evento ou ato singular é valorativo. O valor que envolve todo existir-evento singular não é uma reação instintiva do ser, não há reação passiva, mas ela é responsavelmente ativa, consciente e responsável ao ponto em que “transforma uma possibilidade na realidade de um ato realizado, de um ato de pensamento, de sentimento, de desejo” (SOBRENOME DO AUTOR, ano, p. XX). Assim, a partir da análise do *corpus* que atua como instrumento investigativo nesta pesquisa, infere-se que os enunciados são revestidos de tons valorativos, EMOTIVO-VOLITIVOS, apreciativos e que o sujeito representa o lugar social no qual está inserido.

No *corpus* analisado Aécio Neves é um sujeito que ao passo em que produz seu discurso num ato volitivo de vontade e de escolhas, este mesmo sujeito singular, único, dialógico que se se funde num universo próprio e ao mesmo tempo representa

suas relações sócias. Neste contexto em que dois sujeitos se completam numa dimensão única, o sujeito do discurso e o sujeito político dentro destas categorias são sujeitos que não se abstêm um dos outros, mas se confundem, se completam e não se dissociam um do outro.

Em relação ao discurso político, pode-se dizer que é a representação linguística que se reflete na ideologia social e/ou individual. Os discursos são carregados de outros discursos e em suas relações dialógicas trazem consigo marcas, palavras que expressam o tom valorativo do discurso. A apreciação favorece a compreensão responsiva que é determinada pelas escolhas linguísticas feitas pelo sujeito no momento enunciativo e seu lugar social determinam suas escolhas.

Nosso existir está condicionado ao nosso posicionamento diante das relações de valores. Nossos atos são sempre emotivo-volitivos visto que estão sempre carregados de entonações que adentram em todos os momentos contextuais. Entre o existir único e seu tom EMOTIVO-VOLITIVO ainda há a relação entre valoração e a ideologia considerando que todo signo ideológico é embarcado pelo social de uma época e de um grupo social determinado.

O ato responsável envolve o conteúdo deste ato à valoração e à avaliação do seu agente diante de seu próprio ato. A valoração do ato e do conteúdo é dada em função dos agentes ou interlocutores mediante suas interações, este processo interativo ainda implica as experiências vividas pelo sujeito/agente. Nosso agir ou não diante dos discursos de outrem, a nossa reação e a nossa não reação perante as palavras alheias, na teoria de Bakhtin é o que ele chama de “apreensão apreciativa do discurso”.

Todavia, faz-se necessário destacar que o valor na linguagem que se entende por apreciação é de caráter axiológico. A apreciação favorece a compreensão responsiva que é determinada pelas escolhas linguísticas feitas pelo sujeito no momento discursivo/enunciativo. Seu lugar social e suas posições ideológicas irão determinar suas escolhas lexicais, seu vocabulário. A situação e/ou posição social do sujeito são a condição básica necessária para a produção ideológica do discurso, é o como dizer, para que e o para quem e estes elementos determinam a seleção das palavras postas no momento enunciativo. As intenções estão para o que foi dito e o que não foi dito, o que ficará subentendido e o que está nas entrelinhas do discurso. O não dito é tão compressível quanto o que foi dito no momento enunciativo

considerando que não há neutralidade mesmo no não dito, ele é sempre preenchido de sentidos e reacentuados de outros sentidos valorativos.

Em relação ao discurso político, pode-se afirmar que é a representação linguística que se reflete na ideologia social e/ou individual. Os discursos são carregados de outros discursos e em suas relações dialógicas trazem consigo marcas, palavras que expressão o tom valorativo do discurso. A apreciação favorece a compreensão responsiva que é determinada pelas escolhas linguísticas feitas pelo sujeito no momento enunciativo, seu lugar social determinam suas escolhas.

Nosso existir está condicionado ao nosso posicionamento diante das relações de valores. Nossos atos são sempre emotivo-volitivos visto que estão sempre carregados de entonações que adentram em todos os momentos contextuais. Entre o existir único e seu tom emotivo-volitivo ainda há a relação entre valoração e ideologia e que todo signo ideológico é embarcado pelo social de uma época e de um grupo social determinado.

Constata-se que nos discursos de Aécio Neves ocorre a relação entre valoração e ideologia visto que na época em que foram proferidos os discursos denotam esta valoração que culmina com o ato emotivo-volitivo e que favorece a apreciação que se determina pelas escolhas linguísticas feitas pelo sujeito. Todas estas categorias - valorativa, volitiva e apreciativa - constituem o discurso do candidato de modo que constroem uma imagem de um político preocupado com a segurança da população.

REFERÊNCIAS

SILVA, Rivaldete Oliveira, ALMEIDA, Maria de Fátima. **Análise da interação verbal na teoria Bakhtiniana Macabéa** – Revista Eletrônica do Netlli, Crato, v. 2., n. 1., Jun. 2013, p. 120.

BAKHTIN, M. M. **Estética da Criação Verbal**. 3. ed. Trad. Maria Ermantina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 2000 [1979].

BAKHTIN, Mikhail. **Questões de literatura e de estética: a teoria do romance**. São Paulo: Editora UNESP, 1998.

BAKHTIN, M. M. **Para uma filosofia do ato**. Texto completo da edição americana *Toward a philosophy of the Act*. Austin: University of Texas Press. Trad. Carlos Alberto Faraco e Cristóvão Tezza [para fins didáticos], 1993 [1920-1924].

BAKHTIN, M. M. **Problemas da poética de Dostoiévski**. 4. ed. rev. Trad. do russo por Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008 [1929].

BAKHTIN, M. M.; VOLOSCHINOV, V. N. **Discurso na vida e discurso na arte (sobre a poética sociológica)**. Trad. de Carlos Alberto Faraco e Cristóvão Tezza [para fins didáticos]. Versão da língua inglesa de I. R. Titunik a partir do original russo, 1926.

BRAIT, B. Análise e teoria do discurso. In: BRAIT, B. (Org.). **Bakhtin: outros conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2006b, p. 9-33.

BRAIT, Beth. As vozes bakhtinianas e o diálogo inconcluso. In: BARROS, Diana Luz Pessoa de; FIORIN, José Luiz (Orgs.). **Dialogismo, Polifonia, Intertextualidade**. 2ª ed. 1ª reimpr. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003. p. 11-27

BRAIT, B. (Org.). **Bakhtin: conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2007.

BARDIN, Laurence. **Análise do Conteúdo**. Tradução Luís Antero Reto, Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2011.

FARACO, C. A. Interação e linguagem: balanço e perspectivas. **Calidoscópio**, v. 3, n. 3, p. 214-221, set./dez. 2005.

FARACO, C. A. O dialogismo como chave de uma antropologia filosófica constitutiva In: FARACO, Carlos Alberto; TEZZA, Cristóvão; CASTRO, Gilberto (Orgs.). **Diálogos com Bakhtin**. Curitiba: Editora da Universidade Federal do Paraná, 1996, p. 113-126.

FARACO, C. A. Autor e autoria. In: BRAIT, Beth (Org.). **Bakhtin: conceitos-chave**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2008.

FARACO, C. A. A filosofia da linguagem. In: FARACO, C. A. **Linguagem & Diálogo: as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin**. São Paulo: Parábola, 2003, p. 87-131.

FIORIN, J. L (Org.). **Dialogismo, polifonia, intertextualidade**. São Paulo: Edusp, 1999.

FIORIN, J. L. **Linguagem e Ideologia**. 8. ed. São Paulo: Ática, 2007.

FIORIN, J. L (Org). **Introdução à Linguística 1- objetos teóricos**. São Paulo: Contexto, 2004.

FIORIN, J. L. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. São Paulo: Ática, 2008.

GIL, 2009 (citado no texto, inserir referência completa aqui).

KOCH, I. V. **Nome do livro**. Cidade da editora: editora, 2008.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina. **Introdução à Lingüística: domínios e fronteiras**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2004.

SOBRAL. A. U. **Elementos sobre a formação de gêneros discursivos**: a fase “parasitária” de uma vertente do gênero de auto-ajuda. Tese de Doutorado. São Paulo: LAEL/PUC-SP, 2006.

_____. **Do dialogismo ao gênero**. As bases do pensamento do Círculo de Bakhtin. Campinas: Mercado de Letras, 2009.